



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Liberalina Santos de Souza Gondim

**ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA VIRTUAL: estudo de  
experiências com o *Cyberbullying***

Petrolina – PE

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Liberalina Santos de Souza Gondim

**ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA VIRTUAL: estudo de  
experiências com o *Cyberbullying***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, campus Petrolina-PE, para obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de pesquisa Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

Petrolina – PE

2018

G637a Gondim, Liberalina Santos de Souza  
Adolescência e violência virtual: estudo de experiências com o cyberbullying / Liberalina Santos de Souza Gondim. -- Petrolina, 2018.  
x, 100 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

Referências.  
1. Assédio virtual. 2. Adolescentes. 3. Cyberbullying. 4. Violência na escola. 5. Psicologia escolar. I. Título. II. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 371.58

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Liberalina Santos de Souza Gondim

ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA VIRTUAL: estudo de experiências com o *Cyberbullying*

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

---

(Marcelo Silva de Souza Ribeiro, Doutor em Ciências da Educação, Universidade Federal do Vale do São Francisco)

---

(Luciana Duccini, Doutora em Ciências Sociais, Universidade Federal do Vale do São Francisco)

---

(Virgínia de Oliveira Alves Passos, Doutora em Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Petrolina, 21 de Fevereiro de 2018.

*Dedico este trabalho a minha mãe Joana de Souza Martins por acreditar no meu potencial e sucesso profissional, mesmo quando eu mesma desacreditei. Por ser minha escuta ativa e meu conforto nos momentos de angústia e ansiedade da vida de mestranda. Por me ensinar, por exemplo, que levar a vida com paciência e tranquilidade é sempre mais saudável, e me ajudar a ser resiliente diante dos obstáculos da vida. Pelo seu carinho, dedicação e amor, eu agradeço.*

## Agradecimentos

A Deus que me deu a vida e que me acolhe em seus braços nos momentos de dificuldades, me conduz pelo caminho do conhecimento e me permite enquanto psicóloga e ser humano colaborar com o desenvolvimento das pessoas.

A minha família, pela fé no meu trabalho e por ser meu porto seguro, aconchego no qual recupero as energias para seguir a batalha. Sem vocês nada faria sentido.

Ao meu querido orientador e professor Marcelo Silva de Souza Ribeiro pelo companheirismo durante a trajetória, pelos conhecimentos compartilhados, pelo exemplo de pessoa humana e de profissional ético e respeitável, pela serenidade no olhar que acalmou minhas angústias e medos, e pelo suporte no processo de amadurecimento pessoal e profissional.

Agradeço a todos os meus amigos pelas vibrações positivas, conversas e contribuições. Em especial, àquela amiga mestra Jéssica Gomes Ramos pelos conselhos, dicas e suporte nos ajustes dos resultados quantitativos.

À direção do colégio alvo do estudo pela liberdade de ir e vir para a realização de todas as etapas necessárias à pesquisa, pela confiança no meu trabalho e por ter abraçado o projeto e acreditado em sua importância.

A todos os adolescentes que participaram do estudo e se colocaram disponíveis para compartilhar suas experiências com este fenômeno difícil e complexo que é o *cyberbullying*. Agradeço imensamente pela confiança e vínculo, que nos permitiram sentir, expressar, chorar, elaborar, ressignificar, fazer e acontecer em trocas intercorporais significativas. Aprendemos bastante juntos.

## Resumo

O *cyberbullying* é uma nova forma de *bullying* em que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são utilizadas para intimidar pessoas. Diante da necessidade de aprofundar o conhecimento científico sobre o tema, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender as experiências de adolescentes com o *cyberbullying*. Trata-se de uma pesquisa quantiqualitativa, exploratória e descritiva com foco na experiência de estudantes do ensino médio entre 14 e 19 anos. Em um primeiro momento do estudo, 46 estudantes responderam a um questionário, analisado por estatística descritiva e, em seguida, 4 dos jovens, cujos nomes foram substituídos pelos pseudônimos Aceitação, Apatia, Raiva e Impulsividade, participaram de uma entrevista com uma pergunta disparadora, analisada através do método fenomenológico. Os resultados mostram níveis consideráveis de agressões on-line, sendo 18 (39%) vítimas e 12 (26%) agressores. A experiência dos jovens é marcada por estratégias insuficientes para lidar com o fenômeno, sendo estas prioritariamente individuais. As repercussões das experiências incluíram irritabilidade, estresse, ansiedade e raiva, prazer no sofrimento do outro, tristeza, ideação suicida, medo, culpa e frustração. As significações das experiências se fazem através do corpo, de modo que as reações, percepções e relações estão atoladas em um corpo que sente, sofre e cria. Consideramos que a experiência dos adolescentes se dá em um contínuo de mudanças e construções de sentidos, percepção de si e dos outros diante do *cyberbullying*.

Palavras-Chave: *bullying*; *cyberbullying*; adolescentes; fenomenologia.

## Abstract

Cyberbullying is a new form of bullying in which Information and Communication Technologies [Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)] are used to intimidate people. Given the need to deepen the scientific knowledge on the subject, this research has as its main goal to understand the experiences of teenagers with cyberbullying. This is a quantitative-qualitative, exploratory and descriptive research focused on the experience of high school students between the ages of 14 and 19. The first phase of the study 46 students answered a questionnaire that was analyzed by descriptive statistics, and the second, interview four young people, whose names were replaced by the pseudonyms Aceitação, Apatia, Raiva e Impulsividade, we analyzed through the phenomenological method. The results show considerable levels of on-line aggression, with 18 (39%) victims and 12 (26%) aggressors. The experience of young people is marked by insufficient strategies to deal with the phenomenon, and these are primarily individual. The repercussions of the experiences included development of irritability, stress, anxiety and anger, pleasure in the suffering of the other, sadness, suicidal thoughts, fear, guilt and frustration. The meanings of experiences are made through the body, so that reactions, perceptions, and relationships are bogged down in a body that feels, suffers, and creates. We consider that the experience of adolescents occurs in a continuum of changes and constructions of meanings, perception of self and others in the face of cyberbullying.

Keywords: bullying; cyberbullying; adolescents; phenomenology.

## Sumário

1. Introdução .....	11
2. Objetivos .....	14
3. Fundamentação Teórica .....	15
3.1. <i>Novas Tecnologias e Sociedade Contemporânea</i> .....	15
3.2. <i>Nativos Digitais: a Experiência de Adolescer no Século XXI</i> .....	19
3.3. <i>Da Escola para o Ambiente Virtual: a Relação entre o Bullying e o Cyberbullying</i> .....	22
3.4. <i>A Psicologia Fenomenológica e a Compreensão da Experiência Humana</i> .....	27
4. Método .....	31
4.1. <i>Delineamento</i> .....	31
4.2. <i>Local do Estudo</i> .....	32
4.3. <i>População do Estudo</i> .....	33
4.4. <i>Instrumentos e Procedimento de Coleta de Dados</i> .....	33
4.5. <i>Critérios de Inclusão e Exclusão</i> .....	35
4.6. <i>Aspectos Éticos</i> .....	35
4.7. <i>Riscos e Benefícios</i> .....	36
4.8. <i>Análise de Dados</i> .....	36
4.9. <i>Divulgação dos Resultados</i> .....	38
5. Resultados .....	39
5.1. <i>Mapeamento de situações de cyberbullying</i> .....	39
5.2. <i>Elementos significativos na experiência de adolescentes</i> .....	46

6. Discussão.....	66
6.1. <i>Compreendendo o contexto: a violência virtual e o cyberbullying</i> .....	67
6.2. <i>Lutando sozinho na multidão: lidando com as experiências de cyberbullying</i> .....	71
6.3. <i>Emoções que aprisionam e adoecem: o campo da experiência no cyberbullying.</i> .....	77
6.4. <i>Quando parece que não há mais saída: considerações sobre o cyberbullying e o suicídio</i> .....	83
6.5. <i>Aprendendo a lutar junto: o papel da escola, família e sociedade na prevenção e intervenção no cyberbullying</i> .....	86
7. Considerações Finais.....	91
8. Referências .....	94

## Apêndice A

## 1. Introdução

Desde o final do século XX, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm avançado de maneira extraordinária, modificando a forma de organização da vida em sociedade, incluindo transformações em níveis culturais, comportamentais, econômicos e políticos. Tais avanços, que continuam em andamento, trazem contribuições positivas ao facilitar o acesso a todo tipo de informação, produtos e serviços, superando, inclusive, antigas fronteiras do espaço-tempo no que se refere às comunicações tradicionais (Almeida, 2009). Por outro lado, consequências negativas aparecem em fenômenos como a dependência tecnológica, violência virtual, o *cyberbullying*, cybercrimes, entre outros, que causam repercussões físicas, psicológicas e sociais, de modo a demandar investigações mais profundas, além da criação de medidas resolutivas (Andrade, 2012; Conte & Rossini, 2010; Dal Cin, 2013; Wendt & Lisboa, 2013).

O contexto social atual, marcado pelo desenvolvimento tecnológico, tem despertado interesse no estudo do comportamento dos jovens na internet e das especificidades do viver adolescente. As investigações abordam, entre outros fatores, as manifestações e funções do comportamento agressivo, como o *cyberbullying*, que tem relação com a ambiente escolar como continuação do *bullying*, o assédio on-line, que diz respeito a diversas situações de perseguições insistentes e inconvenientes, e o *revenge porn*, traduzido como vingança pornô, no qual vídeos ou fotos íntimas são expostas como forma de vingança.

Estas, são situações que envolvem a exposição de conteúdos indesejados como pornografia, publicidade ofensiva, manifestações de ódio, racistas, homofóbicas, que causam prejuízos à saúde física e psicológica dos sujeitos (Berger & Lisboa, 2009). Como exemplo, pode-se citar o problema do suicídio entre jovens após sofrer constrangimentos por meios de *posts* de momentos íntimos compartilhados de forma anônima, na internet (Barbosa, 2014).

O *cyberbullying*, em especial, vem ganhando, recentemente, atenção dos pesquisadores, sendo considerado uma modalidade do *bullying* diante da evolução tecnológica e do uso constante de dispositivos móveis. Porém, possui aspectos específicos que mudam qualitativamente as formas tradicionais da agressão entre pares (Brown, Jackson & Cassidy, 2006).

Diante da complexidade das relações que envolvem o uso das TICs para o exercício da violência, esta pesquisa busca compreender, não apenas a frequência dos acontecimentos de *cyberbullying* na cidade de Juazeiro-BA, mas as experiências de adolescentes envolvidos em situação de violência on-line em suas diversas possibilidades.

O interesse em pesquisar sobre experiências de adolescentes em situações de *cyberbullying* surgiu tendo em vista a forma de organização da sociedade atual, em que os jovens estão constantemente conectados às novas tecnologias digitais e as utilizam das mais variadas formas nas interações entre os pares. Assim, fenômenos como a violência, ganham novas dimensões no ambiente virtual, de modo que dilemas menos presentes, como os relacionados à privacidade, exposição de assuntos íntimos, troca de comentários hostis, entre outros, perpassam as experiências de vítimas e agressores e plateia.

Deste modo, considerando que o desenvolvimento das TICs pode gerar ambientes propícios para o exercício da violência, pode-se dizer que existe um fator de risco e vulnerabilidade na atividade on-line que precisa ser melhor investigada por parte da ciência. Torna-se relevante pesquisar os aspectos cognitivos, afetivos e sociais envolvidos nas experiências dos atores implicados no *cyberbullying*, assim como a criação de espaços de cuidado à saúde, escuta e ajuda, além de medidas educacionais viáveis e efetivas de enfrentamento do problema.

Como este estudo se insere no âmbito das pesquisas quanti-qualitativas, e seu aporte teórico está voltado para uma compreensão fenomenológica, não se adequa a utilização de

hipóteses, porém o a intensão de pesquisa adotada é de que o *cyberbullying* enquanto forma de intimidação virtual é vivenciado por adolescentes como uma experiência particular, que envolve interconexões com o meio ambiente, com a cultura e com os processos sócio-históricos, mas cujas significações se fazem pelo corpo, causando impactos biopsicossociais ainda pouco estudados.

Portanto, a partir de um viés fenomenológico embasado, sobretudo, nas contribuições de Merleau-Ponty, buscamos acessar as vivências dos adolescentes, incluindo os sentimentos mobilizados, as reações às agressões e exposições on-line, as causas atribuídas pelas vítimas e as estratégias utilizadas enfrentar o problema.

## 2. Objetivos

### 2.1. *Objetivo Geral*

Compreender experiências de adolescentes com o fenômeno *cyberbullying*

### 2.2. *Objetivos Específicos*

- Identificar manifestação do *cyberbullying* entre alunos do ensino médio em Juazeiro-BA.
- Descrever os sentidos da experiência com o *cyberbullying* e suas possíveis repercussões na vida destes adolescentes.
- Apontar estratégias de enfrentamento utilizadas por eles para lidar com o *cyberbullying*.

### 3. Fundamentação Teórica

Para compreender o fenômeno *cyberbullying* e como ele é experienciado pelos jovens na sociedade contemporânea, é importante contextualizar alguns aspectos envolvidos na dinâmica das relações atuais. Pois, com a velocidade na transmissão da informação e as mudanças sociais envolvendo as tecnologias, os modos de interação entre os jovens, suas percepções sobre si mesmo e sobre o mundo passam a ser construídas de formas específicas. Inclusive as formas de compreender e lidar com a violência assumem formas diferentes e invadem o ambiente virtual.

Em nosso primeiro tópico do capítulo teórico, trataremos sobre o contexto do desenvolvimento das novas tecnologias e suas repercussões na sociedade contemporânea em geral. No segundo tópico, abordaremos as características dos jovens do final da geração Z e início da Alpha, que já nascem em meio aos dispositivos e mídias virtuais e não conhecem um mundo sem internet. Em seguida, aprofundaremos a discussão em torno dos conceitos de *bullying* e *cyberbullying*, compreendendo a forma como os dois se relacionam no ambiente escolar. Por fim, traçaremos uma visão dos principais conceitos da Psicologia Fenomenológica que norteiam nossa compreensão da experiência dos adolescentes com o *cyberbullying*.

#### 3.1. *Novas Tecnologias e Sociedade Contemporânea*

Entende-se por Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) “todo e qualquer dispositivo que tenha capacidade para tratar dados e/ou informações, tanto de forma sistêmica como esporádica, quer esteja aplicada no produto, quer esteja aplicada no processo” (Cruz, 2000, p. 24). Porém, as novas tecnologias envolvem não apenas esses dispositivos em

constante transformação, mas também um processo social, a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza em volta de programas e dispositivos de comunicação e causam impactos tanto positivos como negativos na sociedade (Lévy, 1999).

Para compreender as características da sociedade atual, a velocidade na transmissão da informação, as mudanças aceleradas nas TICs e nas formas de relacionamento social, é preciso remeter-se às origens do desenvolvimento tecnológico, que pode ser dividido em três fases. A primeira e a segunda fase estão relacionadas com a revolução industrial e parecem ter preparado o terreno para que, nos dias atuais, pudéssemos vivenciar a chamada revolução tecnológica.

A primeira fase da revolução industrial aconteceu na Europa, na segunda metade do séc. XVIII, marcada pela invenção da máquina a vapor, colaborando com o desenvolvimento do mercado, estruturação de ferrovias e o crescimento das cidades (Pereira & Silva, 2010). A segunda fase ocorreu em meados do séc. XIX. Nesse momento, o destaque vai para o surgimento da eletricidade e do motor, que permitiram macroinvenções como a criação do automóvel, do telefone e da televisão (Castells, 1999). Apenas após a segunda Guerra Mundial, o contexto de desenvolvimento permitiu inovações no campo de microeletrônica e telecomunicações, tornando o ambiente favorável para a chamada revolução tecnológica, que repercutiu em uma mudança drástica na quantidade, qualidade e velocidade das informações (Pereira & Silva, 2010).

A partir de então, com a criação e difusão do computador e da internet e com a reestruturação socioeconômica dos anos 1980, a sociedade passou a se reorganizar, transformando-se no que Castels (1999) chama de sociedade em rede. Para esse autor, a sociedade em rede constitui-se em um movimento que tem a Internet como principal veículo para a transmissão de informações, envolve uma cultura própria que engloba uma diversidade

de subculturas, organizando-se em torno das mídias e dos novos dispositivos tecnológicos (Castels, 1999).

Dialogando com esta visão da sociedade atual, Lévy (1999) descreve o conceito de cibercultura<sup>1</sup> como um conjunto de técnicas, práticas, atitudes e valores que se desenvolve junto com as novas tecnologias e com o ambiente de comunicação on-line, chamado de ciberespaço. Para ele, com a virtualização das relações, uma inteligência coletiva é construída, estabelecida e reformulada em tempo real, formando uma espécie de cérebro global, do qual cada vez mais pessoas sentem necessidade de fazer parte.

As novas tecnologias são uma criação humana, mas em muitos momentos podem nos causar estranheza pela forma acelerada que estamos vivendo. Para acompanhar esse ritmo, as pessoas, e em especial os jovens desta geração, parecem se reinventar, transformando a si mesmos e suas relações, em uma velocidade semelhante. Nesse sentido, as TICs influenciam a conduta, os costumes e as relações entre os pares, de modo a criar novos hábitos e formas de interação (Pereira & Silva, 2010).

Uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) aponta que tais mudanças afetam de forma mais intensa crianças e adolescentes, dos quais cerca de 75% utilizam todos os dias mensagens instantâneas como o WhatsApp e 63% acessam redes sociais, como o Facebook com a mesma frequência (Barbosa, 2014). São os chamados nativos digitais, sobretudo porque crescem em meio a dispositivos cada vez mais desenvolvidos e que influenciam suas formas de relacionamento com o mundo a sua volta, gerando oportunidades, mas também riscos. Estes últimos incluem o relativo anonimato on-line, as questões relativas à privacidade, a sensação de liberdade e inimizabilidade, entre outros fatores.

Assim, considera-se que as pessoas têm estado cada vez mais conectadas a partir de serviços oferecidos por empresas como: Google, criado em 1996, que se tornou o site de

---

<sup>1</sup> Alguns autores usam os termos cibercultura / cyberbullying com o padrão da língua portuguesa, outros descrevem cybercultura / cyberbullying com o padrão da língua inglesa, porém preserva-se o mesmo significado nas duas formas de grafia.

busca mais utilizado; MySpace, LinkedIn e Facebook, sites de relacionamento criados a partir de 2003; You Tube, de 2005, popular site de compartilhamento de vídeos; Twitter, microblogue de até 140 caracteres por vez, surgido em 2006; WhatsApp, criado em 2009 como uma multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz; e o Instagram, de 2010, que é um dos mais populares aplicativos de compartilhamento de fotos para iPhone e Android (Dal Cin, 2013; Pires, 2013).

Nesse cenário, a América Latina, segundo Santander (2013), é a região onde a audiência da Internet mais tem crescido nos últimos três anos, aumentando a demanda por conteúdo digital, com o acesso principalmente através de dispositivos móveis e por adolescentes. Para este autor, apesar de serem muito úteis para uma diversidade de funções, as TICs parecem estar sendo utilizadas com maior frequência para o relacionamento entre os pares, seja por meio de salas de *chat*, mensagens eletrônicas, jogos on-line, blogs, fotologs, entre outros.

Portanto, na sociedade atual, os limites geográficos não impedem mais o estreitamento de laços afetivos entre as pessoas, pois no ambiente virtual são os sujeitos em interação que regulam o espaço e o tempo. Na internet, as redes sociais tornam-se um campo fértil para as trocas interativas que têm os atores sociais e as conexões entre eles como elementos centrais (Oliveira, Barros & Goulart, 2016).

No ambiente virtual, os jovens se permitem expressar elementos significativos de suas personalidades e identidades. Porém, ao mesmo tempo em que as possibilidades de interações e de visibilidade social se expandem através da internet, questionamos sobre o grau de profundidade dos vínculos construídos, tendo em vista a ausência do contato face a face e presencial, além da velocidade das mudanças on-line. Sobre esse aspecto, Bauman (2003) colabora ao apontar que, na “modernidade líquida”, se formam novos tipos de comunidade,

cuja característica é serem voláteis e passageiras, pois se formam em torno de espetáculos apenas para demonstrar interesses individuais a respeito de determinado assunto.

### 3.2. *Nativos Digitais: a Experiência de Adolescer no Século XXI*

Se analisarmos a história da humanidade, perceberemos que o que chamamos hoje de adolescência foi vivenciado de forma distinta pelas pessoas a depender de aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que marcaram diferentes momentos da história. Para além da biomedicina, convencionou chamar de “adolescência” a partir da classificação de uma determinada faixa etária. São os aspectos psicossociais que determinam a forma como cada geração experiencia a adolescência, percebe a si mesmo, ao outro, constrói seus valores, suas crenças e se relaciona com o mundo ao seu redor.

Especialmente durante o séc. XX, diante das transformações pelas quais passou nossa sociedade em termos de desenvolvimento social, político e tecnológico, podemos identificar pelo menos cinco gerações com características diferentes que experienciaram a juventude de formas específicas, são elas: a geração tradicional, formadas pelos nossos idosos atuais, que nasceram até 1945; os *baby boomers*, constituídos pelos nascidos entre 1946 e 1969; a geração X, que é o grupo de 1970 a 1980; geração Y, entre 1981 e 1990; e a geração Z, única geração que não conhece um mundo sem internet, nascidos entre 1990 e 2010 (Novelli, Leite & Sitta, 2010; Cruz & Medeiros, 2018). Mais recentemente, partir de 2010, surge uma nova geração, formada pelas crianças atuais. É a geração Alpha, que inicia um novo ciclo geracional, marcado por grandes transformações (Viegas, 2015).

A geração tradicional é formada por pessoas que hoje apresentam 73 anos ou mais. Eles vivenciaram a segunda guerra mundial e têm como principais características o respeito à hierarquia, a dedicação, o sacrifício e a praticidade (Novelli, Leite & Sitta, 2010). Já a geração

*baby boomers*, que apresenta atualmente entre 49 e 72 anos, presenciou uma diversidade de movimentos sociais, tendo a televisão como principal meio de apreensão da informação; além de adotarem uma postura otimista, eles preferem a liderança por consenso e são automotivados (Novelli, Leite & Sitta, 2010).

A geração X, por sua vez, constitui-se dos adultos entre 38 e 48 anos, os quais já sofreram as influências da globalização e tiveram contato com tecnologias clássicas, como o videocassete e os primeiros computadores pessoais (Novelli, Leite & Sitta, 2010). É uma geração mais cética, que demonstra valorização da flexibilidade e busca reconhecer a competência (Soares, 2009). Já a geração Y, da qual fazem parte os adultos entre 28 e 37 anos, vivenciaram a transição para um mundo tecnológico, gostam de desafios, dinamismo, são impacientes, valorizam a infância e presam pela democracia (Soares, 2009).

A geração Z é formada adultos jovens de até 27 anos e adolescentes atuais. Apesar de ser possível destringir significativas diferenças entre os adultos jovens e os adolescentes atuais, pois estamos caminhando para a constituição de uma nova geração, este grupo é o que mais sofre a influência da internet, dos jogos on-line, das redes sociais, dos aplicativos e sites de fotos, vídeos, mensagens, entre outros. Esses jovens realizam multitarefas de forma muito natural através dos dispositivos tecnológicos, e passam cada vez mais tempo on-line. Porém, entre suas marcas está o forte imediatismo, devido à intensidade de informações com as quais convivem, e podem ter dificuldade em aguardar resultados a longos prazos (Novelli, Leite & Sitta, 2010).

Por fim, a geração Alpha, cuja origem vem da primeira letra do alfabeto grego, “α” iniciando um novo ciclo de gerações, marcada pelo maior acesso a educação formal e a informação, assim como consumismo voltado para produtos eletrônicos, seja para entretenimento ou trabalho (Viegas, 2015). Essa geração não precisa fazer cursos de

informática, pois já nasceram em uma cybercultura. Segundo Zuanazzi (2014, citado por Viegas, 2015)

A interação familiar também está sendo transformada com a chegada da Geração Alpha. Existe uma forte convergência para que os pais troquem o autoritarismo por uma relação de troca com seus filhos, substituindo a rigidez das regras e castigos pelo diálogo e amizade (p.27).

Neste contexto, quando falamos em nativos digitais, compreendemos os adolescentes e crianças nascidas no século XXI, incluindo o final da geração Z e início da geração Alpha. Sobre o adolescente atual, torna-se relevante considerar que além de possuir certas características do seu momento de desenvolvimento, ele passa a construir a si mesmo e a sua relação com os outros de maneira específica através da mediação das tecnologias. Assim, este período do desenvolvimento humano é tratado por diferentes autores como sendo marcado pela transição entre a infância e a vida adulta, no qual ocorre uma série de mudanças em níveis biopsicossociais (Aberastury, 1970; Bronfenbrenner, 1996; Erikson, 1976).

Nesse período, parece haver uma necessidade psicológica de complementação em que os jovens buscam, tanto na inserção em grupos como no julgamento do outro, um referencial para construção da identidade (Jost, 2010). A adolescência não é uma fase estanque e passível de generalização para todas as pessoas, mas sim um momento existencial que, como outros, é complexo, dinâmico e possui suas peculiaridades (Bock, Gonçalves & Furtado, 2001).

Na adolescência, a inserção do sujeito em grupos sociais se torna algo marcante, de modo que a influência dos amigos tende a ser mais considerada que as orientações por parte dos pais, o que pode ocasionar algumas incoerências na comunicação entre gerações distintas (Fulgini, Eccles, Barber & Clements, 2001). Nesse contexto, por mais que os jovens vivenciem períodos de conflitos significativos, especialmente no início da adolescência, quando ocorre apoio pelos pares, eles tendem a se sentir mais protegidos, de modo que as

relações de amizade parecem colaborar com a redução de sentimentos de angústia ao longo da vida (Rabaglietti & Ciairano, 2008; Nunes, 2013).

Em uma perspectiva fenomenológica, percebe-se a adolescência não como uma faixa etária de idade, mas sim como uma forma subjetiva de lidar com os acontecimentos da existência. A experiência de adolecer sofre influências de aspectos como mídia, consumo, publicidade, tecnologias e uma diversidade de modos de vida que a torna única para cada ser, podendo gerar insegurança e incerteza na relação estabelecida com o mundo (Melo & Moreira, 2008).

Assim, além das mudanças físicas, na adolescência ocorre a construção de novos valores, formas diferentes de relações familiares e sociais, modificação dos hábitos, exigência de maior autonomia e reorganização psíquica (Oliveira, 2012). Nesse contexto, os ambientes de socialização como a família, a escola e, agora, aqueles mediados pelas TICs, podem funcionar como fatores de risco ou facilitadores dessa vivência.

Portanto, as relações constituídas on-line fazem parte da experiência de adolecer do jovem atual. Quando ocorre aceitação social, construção de vínculos, reconhecimento e visibilidade no ambiente virtual, o jovem tem maior potencial para desenvolver de forma saudável sua relação com o mundo. Quando, pelo contrário, ocorrem relações de exploração, intimidação e violência, os efeitos serão negativos em nível biopsicossocial (Patchin & Hinduja, 2006).

### 3.3. *Da Escola para o Ambiente Virtual: a Relação entre o Bullying e o Cyberbullying*

O *bullying* pode ser caracterizado como um tipo de comportamento agressivo marcado pela forma intencional, repetitiva e sem motivação aparente pela qual ocorre, além de estar ligado ao contexto escolar e envolver um desequilíbrio de poder (Olweus, 1997). Já

*cyberbullying*, é visto como o uso das TICs para assediar, ameaçar, constranger e humilhar vítimas por meio de *e-mails*, mensagens de texto, fotos e vídeos ofensivos, manipulação de imagens, bate-papo e redes sociais, de modo a atingir milhares de expectadores em pouco tempo (Shariff, 2011).

Pinheiro (2009) descreve que o que chamamos hoje de *cyberbullying* teve uma evolução histórica acompanhando o próprio desenvolvimento tecnológico. Tal evolução é dividida em três etapas pela autora: o *pré-cyberbullying*, que ocorreu no início da revolução tecnológica, quando os meios virtuais ainda não eram dominados, usava-se a fotocopadora para distribuir textos ou imagens pejorativas e o telefone fixo para passar trotes anônimos repetidamente para insultar as vítimas; o *cyberbullying*, no qual as agressões iniciaram através de mensagens de texto por celulares ainda com poucas funcionalidades, assim como fotos e vídeos de câmeras digitais; e o *bullying* virtual, o qual inclui uma diversidade de agressões pela internet, através, principalmente, dos notebooks, tablets, smartphones e Iphones. Nesta dissertação, usaremos o termo *cyberbullying* para designar toda agressão persistente ao longo do tempo que utilize ferramentas tecnológicas on-line para disseminar a violência e humilhar vítimas.

Para Willard (2007, *apud* Andrade, 2012), existem sete tipos de manifestações de *cyberbullying*, são elas: as lutas on-line, nas quais são trocadas mensagens ou comentários hostis entre duas ou mais pessoas; o assédio virtual, de caráter unidirecional e repetitivo, são enviadas mensagens ou publicações ofensivas; a difamação, ou seja, divulgação na internet de boatos sobre alguém com a intenção de prejudicá-la; a representação ou personificação, por meio de infiltração na conta da vítima para enviar informações constrangedoras ou que a deixe em perigo; as partilhas pessoais e embaraçosas, em que são compartilhados assuntos íntimos sobre alguém, podendo envolver ameaças à vítima; a exclusão, por expulsão de um

grupo on-line de forma cruel e humilhante; e a perseguição on-line, caracterizada por ameaças ou extorsão por meio da rede.

Porém, para ser considerado *cyberbullying* é necessário confirmar no comportamento agressivo a intencionalidade, a repetição ao longo do tempo, o sofrimento real da vítima e a utilização de meios eletrônicos (Patchin & Hinduja, 2010). Além disso, nas situações de *cyberbullying*, é importante considerar os aspectos envolvidos no comportamento do agressor, pois este, muitas vezes, se esconde através do anonimato o qual as interações na internet possibilitam. Dessa forma, a ausência de contato pessoal com as vítimas pode alimentar no agressor crenças de imunidade em relação a seus atos, dificultando para que ele sinta empatia, de modo que pode haver falhas no desenvolvimento de algumas habilidades sociais (Calvete, Orue, Estévez, Villardón & Padilla, 2010).

Assim, é comum que indivíduos com intenções perniciosas encontrem grande facilidade de ameaçar ou insultar seus alvos na internet. Azevedo, Miranda e Souza (2012) afirmam que mesmo para aqueles bem intencionados nas interações virtuais, há uma tendência de naturalizar essas formas de abuso, uma espécie de desengajamento moral que se manifesta entre os jovens.

Além disso, Pinheiro (2009) considera duas possibilidades para a manifestação do comportamento agressivo na internet. A primeira, são os agressores acidentais, ou seja, jovens que diante de um contexto específico agem pontualmente de forma agressiva, porém sem repercussões a médio e longo prazo. Já a segunda forma, são os agressores adictos, ou seja, quando um comportamento agressivo acaba se tornando um hábito, muitas vezes influenciado pela sensação de poder e visibilidade social dos atos agressivos.

Entretanto, para Rondina, Moura e Carvalho (2016), as práticas de *cyberbullying* estão antes de tudo relacionadas à precariedade em determinadas funções psicológicas e a questões sociais. Nesse sentido, os autores apontam a menor qualidade de vida dos agressores, apesar

de não haver prejuízos no relacionamento social, de modo que a internet e a disseminação da violência através dela funcionam como meios para lidarem com angústias internas, estresse e com o sofrimento.

Diante de todos os aspectos apresentados e tendo em vista a importância do contato on-line para a construção da identidade e da autoestima dos jovens, há evidências de que algumas consequências psicológicas do *cyberbullying* podem ser até mais devastadoras que as agressões presenciais (Andrade, 2012). Durante ou após o uso de computadores, tablets, smartphones e Iphones, os adolescentes que sofrem *cyberbullying* podem apresentar, entre outros aspectos, angústia, ansiedade ou apatia, reações impulsivas, além de reflexos negativos na vida escolar, como redução do rendimento e isolamento social (Souza & Lima, 2016). Outros autores apontam ainda a existência de: estresse, tensão, desconfiança, insegurança, sentimentos de impotência e fragilidade, humilhação, pânico, impossibilidade de encarar os familiares e amigos, baixa autoestima, depressão e tentativa ou ideação suicida (Patchin & Hinduja, 2010; Barbosa, 2014).

Chama-se atenção para os aspectos envolvendo o *cyberbullying* e o suicídio na adolescência. Segundo Werlang, Borges e Fensterseifer (2005), os fatores de risco para a ideação e/ou comportamento suicida na adolescência são: aspectos culturais; sociodemográficos; familiares; estilo cognitivo e de personalidade; perdas; conflitos interpessoais; transtornos psiquiátricos; tentativas prévias de suicídio, e o suicídio de um familiar, amigo ou conhecido. Além desses aspectos, o risco de suicídio entre os jovens se intensifica na presença de violência ou abuso, especialmente naquelas ocasiões em que a intensidade da dor e do sofrimento se associam a estratégias limitadas na tentativa de resolver o problema e baixo suporte social (Tam & Col, 2011, citado por Faria, 2014).

O comportamento suicida inclui três conceitos, são eles: o de ideação suicida, tentativa de suicídio e o suicídio consumado. A ideação suicida pode ser compreendida como

a presença repetitiva de pensamentos e ideias sobre suicídio, que podem incluir ou não planos mais elaborados de pôr fim à vida. (Borges & Werlang, 2006). Já o comportamento suicida, segundo Gonçalves, Freitas e Sequeira (2011), corresponde a uma lesão a si mesmo, independente do grau de intenção letal e da consciência sobre os motivos envolvidos na ação. O suicídio consumado, por sua vez, é o ato levado a cabo pelo sujeito, culminando em sua morte (Gonçalves, Freitas & Sequeira, 2011; O'Carroll et al., 1996).

Faria (2014) demonstra que o índice mais preocupante de suicídio entre adolescentes encontra-se na faixa etária entre 18 e 19 anos. Essa autora afirma a existência de uma taxa de 1,1 suicídio a cada 100 mil crianças e adolescentes, ocupando a posição de nº 60 no ranking mundial, além de ter sido a quinta causa de morte entre jovens no Brasil em 2004. O ministério da Saúde contabilizou 733 mortes por suicídio de adolescentes entre 10 e 19 anos em 2011, dos quais 487 foram meninos e 246 foram meninas, o que indica uma incidência maior de suicídio entre os garotos (Brasil, 2014). É importante salientar que, como afirma Pereira (2011), a existência de tentativas de suicídio em um jovem representa um sinal de perturbação grave e vulnerabilidade. Tais aspectos podem ser decorrentes de situações de violência e abuso como no caso do *cyberbullying*, por isso é necessária uma avaliação cuidadosa, assim como medidas de suporte imediato.

Para lidar com o *cyberbullying* e suas repercussões, considera-se a importância da articulação entre diversos atores sociais a fim de criar estratégias de enfrentamento eficazes e resolutivas, especialmente no que diz respeito ao suporte, proteção e orientação. Como estratégias de enfrentamento, entendem-se esforços cognitivos e comportamentais para lidar com situações específicas, de modo a atuar diretamente sobre um fenômeno ou alterar o significado atribuído a ele (Castillo, 2010). Essas estratégias podem ser individuais ou coletivas.

Porém, a complexidade das relações on-line faz com que, em muitos casos, sejam difíceis de diferenciar vítimas e agressores, pois na dinâmica das relações, jovens que são frequentemente *cyber* vítimas, podem, em algumas ocasiões, agir também como agressores. O contrário também pode ocorrer, quando agressores regulares se tornam também vítimas. Uma pesquisa de García-Maldonado, et al (2012) encontrou, entre adolescentes estudantes, que 3,5% se declaram vítimas, 2,8% agressores e 1,3% vítimas-agressores virtuais. Se considerarmos que muitos não admitem ser agressores ou vítima-agressores devido à desaprovação social, esse número pode ser ainda maior. Em todos os casos, no ambiente virtual, as pessoas se tornam testemunhas e coparticipantes no processo de perpetuação da violência.

Considera-se também a importância de iniciativas no campo da prevenção da violência on-line e da educação tecnológica para lidar com os riscos que se encontram na rede. A exemplo disso, em fevereiro de 2016, entrou em vigor a lei 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo território nacional, incluindo oito tipos de práticas, dentre as quais está o *cyberbullying*.

#### 3.4. *A Psicologia Fenomenológica e a Compreensão da Experiência Humana*

A perspectiva da fenomenologia em Merleau-Ponty (1945;1984) foi priorizada por ser um campo filosófico potencialmente rico para a compreensão da experiência humana na interação com o mundo, incluindo os aspectos decorrentes da mediação das TICs na perpetuação da violência virtual, caracterizada como *cyberbullying*. Priorizaremos alguns preceitos da obra deste filósofo, e não sua totalidade. Entre tais conceitos, a experiência, a redução fenomenológica incompleta, a corporeidade e intercorporeidade, que guiam o debruçar sobre o campo de pesquisa estudado.

Merleau-Ponty nos traz a noção de sujeito como copartícipe do mundo, que está o tempo todo atribuindo sentido ao mundo, percebendo-o e experienciando-o de formas próprias. Assim, a elucidação de sentidos pelo homem envolve uma consciência, não intencional como na perspectiva husserliana, mas sim uma consciência aberta ao mundo, uma consciência perceptiva que está situada no corpo e este, por sua vez, situado no mundo. O corpo torna-se nessa perspectiva o núcleo do sujeito (Merleau-Ponty, 1945/2011).

Para Merleau-Ponty, a percepção é um campo de revelação do mundo, pois, através dela, sujeito e objeto se fundem, não havendo mais nenhuma divisão entre interior e exterior, de modo que o mundo é despojado de sua opacidade, o homem está enraizado no mundo e o mundo é o homem (Moreira, 2004). Nessa perspectiva, não há verdades fechadas ou absolutas, mas sim um movimento sempre aberto de construção e reconstrução contínua de sentidos a partir do campo perceptivo do sujeito, tornando o conhecimento sempre inacabado (Moreira, 2004).

O campo da experiência em Merleau-Ponty é descrito como quase indiferenciação, no sentido de que reconhece uma unidade entre corpo e mundo, na qual as singularidades que são próprias do corpo vivido na relação com o mundo e com outros corpos, não são mais separadas, dicotômicas eu-outro, sujeito-objeto (Coelho Junior, 2003). No campo da experiência, é dialética em constante movimento, como afirma Merleau-Ponty (1984, p. 195): “Sinto quantas vezes quiser, a transição e metamorfose de uma das experiências na outra, tudo se passa como se a dobradiça entre elas, sólida e inabalável permanecesse irremediavelmente oculta para mim”.

Nesse contexto, a concepção de experiência trazida por Merleau-Ponty engloba um ponto de vista mundano, no sentido de uma encarnação intersubjetiva do corpo no mundo (Johnson, 1996). Para compreender a experiência humana, é necessário distinguir a

singularidade dos acontecimentos, tendo sempre em vista que no campo da experiência, o eu e o outro são partes de uma só intercorporiedade.

Minhas duas mãos são ‘copresentes’ ou ‘coexistem’ porque são as mãos de um só corpo; o outro aparece por extensão desta copresença. Ele e eu somos os órgãos de uma só intercorporeidade. (...) Percebo primeiro uma outra ‘sensibilidade’ e somente a partir daí, um outro homem e um outro pensamento. (Merleau-Ponty, 1960/1991, p. 213)

Os sentidos construídos diante das experiências se fazem pela intervenção do corpo e por ele é possível apreender a intencionalidade do outro na relação e os significados de seus comportamentos. Como afirma Macêdo (2012, p. 93), “A experiência de uma consciência por parte de outra consciência exige encarnação constitutiva e a alteridade do outro está subordinada a uma alteridade primeira (que é a do mundo)”.

É importante destacar que sob a perspectiva fenomenológica merleau-pontyana não é possível que o pesquisador suspenda os seus a priori na tentativa de compreender a experiência do outro, pois corpo e mundo fazem parte do mesmo campo ontológico, de modo que os sentidos daquilo que é vivenciado se dão no contato do corpo com um mundo de interações sociais (Macêdo, 2015). Essa concepção é entendida como redução fenomenológica incompleta.

Portanto, o atolamento congênito do homem no mundo, justifica a necessidade da redução fenomenológica incompleta, como artifício para apreender a realidade vivida, pois o pesquisador, como parte do mundo, carrega seus a priori, e jamais será totalmente neutro, mas usa a redução para romper sua familiaridade, duvidar e dar-se conta do mundo (Moreira, 2004).

No que diz respeito à pesquisa fenomenológica, compreendemos que ela tem como fim último a busca do sentido da experiência. Tal compreensão, na perspectiva

merleau-pontyana, se dá no sentido de encontrar os múltiplos contornos da experiência, incluindo aspectos sociais, culturais e situacionais (Moreira, 2004). As vivências de *cyberbullying*, por exemplo, enquanto experiências mundanas, também são dotadas de sentidos em constante movimento. Assim, o sentido da experiência está sempre aberto a ser ressignificado pelo sujeito.

A virtualização das relações estabelecidas pelos jovens parece implicar formas específicas de corporeidade, visto que a ausência do contato presencial não anula os sentidos construídos e as percepções de si, do outro e da relação, mas as tornam diferenciadas pela mediação dos dispositivos tecnológicos. Diante de aspectos como exposição, anonimato, irreversibilidade, o corpo sente, experiencia e reage ao campo perceptivo. Neste processo, o eu e o outro são modificados e carregam marcas do que foi vivido em suas histórias.

## 4. Método

Foram utilizados duas metodologias de pesquisa, uma como um viés quantitativo, no sentido de apreender informações de forma clara e objetiva sobre as formas de *cyberbullying* presentes do contexto do estudo, e outra com um viés qualitativo, buscando compreender de forma mais profunda as experiências de alguns adolescentes.

Sobre a parte qualitativa da pesquisa, foi utilizada a fenomenologia para compreender o sentido da experiência do sujeito com o mundo, por meio da percepção sobre as suas próprias vivências (Macêdo, 2006). A pesquisa fenomenológica coloca a experiência como foco de investigação, de modo que, através da sua descrição pelo sujeito que a vivencia, é possível objetificá-la, pois é através da vivência cotidiana que se experienciam os sentidos das coisas (Macêdo & Caldas, 2011).

A investigação da experiência leva a uma maior compreensão da realidade vivida e dos sentidos construídos a partir dela. Assim, para realizar uma pesquisa fenomenológica, o pesquisador precisa desenvolver aptidões técnicas e comportamentais, pois, a partir desse referencial epistemológico, a pesquisa é considerada parte da prática psicológica (Macêdo & Caldas, 2011).

### 4.1. Delineamento

A pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva sobre a experiência de vítimas e agressores com o *cyberbullying* em uma escola particular da cidade de Juazeiro-BA.

Em um primeiro momento, informações quantitativas foram levantadas como meio para identificar, entre os estudantes, vivências se aproximam do que é definido como

*cyberbullying*, para, em seguida, aprofundar a compreensão da experiência desses jovens, utilizando uma perspectiva fenomenológica.

#### 4.2. *Local do Estudo*

O contexto de uma escola particular na cidade de Juazeiro-BA foi escolhido tendo em vista alguns fatores psicossociais que podem influenciar na forma como se configuram a relação entre os pares tanto presencialmente como no ambiente virtual. Entre eles, pode-se destacar: os aspectos socioeconômicos dos adolescentes; a disponibilidade de acesso aos dispositivos e mídias digitais; e a complexidade das relações grupais estabelecidas.

Assim, a escolha da escola alvo da pesquisa foi realizada por conveniência em virtude de receber uma ampla quantidade de alunos provenientes de diversas localidades da cidade e alguns provenientes de cidades circunvizinhas, englobando, portanto, históricos de vivências sociais, familiares e socioeconômicas diferentes, o que torna as relações no ambiente escolar complexas e multifacetadas. Além disso, considera-se o fato da pesquisadora possuir um vínculo com a instituição enquanto psicóloga, o que facilitou o estabelecimento do contato com os colaboradores, o acesso a informações institucionais e a infraestrutura escolar.

A escola atende alunos do ensino fundamental II e ensino médio, funciona em período matutino, de 07h15 às 12h50 e conta atualmente com um número total de 382 alunos. A infraestrutura da escola é composta por 13 salas de aulas climatizadas, área de lazer, cantina, sala dos professores, recepção, setor financeiro, diretoria, setor pedagógico e setor de psicologia. Dispõe de rede wi-fi, mas esta só pode ser acessada pelos estudantes através dos computadores de mesa instalados na sala dos professores. Nas normas da escola, o uso de

dispositivos móveis é permitido apenas durante o intervalo, ou para fins pedagógicos em sala de aula, com orientação do professor.

#### 4.3. *População do Estudo*

Os colaboradores da pesquisa foram 46 adolescentes estudantes do ensino médio com idades entre 14 e 19 anos. Os alunos dos 1º, 2º e 3º anos foram privilegiados tendo em vista estarem incluídos no final da geração Z e início da Alpha, de modo a configurar um período do desenvolvimento em que se destaca a inserção em grupos sociais presenciais e virtuais, constituindo um grupo representativo das principais questões suscitadas na adolescência.

A escola dispõe de duas turmas de 1º ano em 2017, com total de 51 alunos, duas turmas de 2º ano, com total de 49 alunos e uma turma de 3º ano, com 49 alunos, somando uma população de 149 alunos cursando o ensino médio. Entre os 46 componentes da amostra da na primeira etapa de pesquisa, quatro foram selecionados para participar da segunda etapa, tendo em vista vivências próximas ao que se caracteriza como *cyberbullying*.

#### 4.4. *Instrumentos e Procedimento de Coleta de Dados*

Os colaboradores da pesquisa se dispuseram, voluntariamente, em colaborar com o estudo através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e obtiveram autorização dos responsáveis por meio de um Termo de Assentimento do Menor (TAM).

Os colaboradores responderam a um questionário fechado (Apêndice A) construído especificamente para esta pesquisa com base nos estudos de Campos (2009), Oliveira (2012) e Soares (2013), abordando aspectos sociodemográficos, uso das tecnologias, vitimização e

comportamento agressivo on-line. O questionário utilizado passou por algumas adaptações tendo em vista os objetivos deste estudo, além da avaliação de dois juízes, estudiosos na área de violência no contexto escolar, que verificaram a adequação dos itens aos interesses de pesquisa.

Cada questionário recebeu um número de série e, antes da aplicação do instrumento, foi solicitado que os alunos assinassem uma lista contendo o número de série correspondente, de modo que, a posteriori, os pesquisadores puderam identificar os colaboradores que atenderam os critérios para participar da segunda etapa de pesquisa, sem deixar de resguardar os aspectos éticos sobre o sigilo das informações dos colaboradores.

O questionário da primeira etapa foi respondido coletivamente, em um espaço cedido pela escola e em datas e horários acordados com os adolescentes e a instituição. Já na segunda etapa, os colaboradores que mais se aproximaram de vivências de *cyberbullying* foram convidados para participar de entrevistas individuais, nos moldes fenomenológicos, ou seja, priorizando a experiência do sujeito, colocando-se disponível para uma escuta ativa e estabelecendo a redução fenomenológica incompleta como forma de apreensão da experiência. As entrevistas foram gravadas em áudio para posterior análise.

O instrumento utilizado na segunda etapa foi uma entrevista individual com pergunta disparadora, sem prejuízo de novas questões suscitadas durante a conversa. Após uma breve explanação sobre os objetivos da pesquisa, esclarecimento de dúvidas e estabelecimento de um vínculo que tornasse o momento mais confortável para o adolescente, a entrevista foi iniciada pela pergunta “Como foi a sua experiência com o fenômeno *cyberbullying*?”, intencionando colocar o sujeito em contato com as suas experiências e lhe permitir descrevê-las, facilitando a pesquisadora alcançar o sentido delas (Amatuzzi, 2009). As entrevistas tiveram duração média de 2 horas e foram gravadas em áudio.

Durante todas as entrevistas com os estudantes, a pesquisadora buscou estabelecer um ambiente confortável, respeitoso e empático que fosse favorável à manifestação das falas, além de manter a atenção para, a partir de sua compreensão das narrativas, favorecer o atendimento aos objetivos da pesquisa, procurando compreender as experiências dos adolescentes com o fenômeno, assim como as estratégias utilizadas pelos mesmos para lidarem com o *cyberbullying*.

#### 4.5. *Critérios de Inclusão e Exclusão*

Os adolescentes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- a) Primeira etapa: ser adolescente entre 14 e 19 anos, estar cursando ensino médio na escola de estudo e fazer uso de dispositivos tecnológicos como computadores, smartphones, tablets ou Iphones.
- b) Segunda etapa: ter passado respondido no questionário que vivenciou situações próximas às caracterizadas como *cyberbullying* na posição de vítima e/ou agressor com uma permanência no tempo igual ou superior a seis meses.

Foram excluídos da pesquisa os jovens que responderam aos questionários de forma inadequada, ou seja, deixou de responder itens importantes ou marcou mais de uma alternativa na mesma questão. Não foram adotados critérios de exclusão para a segunda etapa de pesquisa, uma vez que os critérios da primeira suprem as necessidades desta pesquisa.

#### 4.6. *Aspectos Éticos*

Esta pesquisa foi aprovada pelo Sistema do Comitê de Ética em Pesquisa CEP-CONEP no dia 04 de abril de 2017, por meio do parecer 1.998.179 e está registrada sob o nº

63823317.2.0000.5196, respeitando as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos, a partir das Resoluções CONEP/MS 466/2012 e 510/2016. A pesquisa foi realizada no período de abril a dezembro de 2017.

#### 4.7. *Riscos e Benefícios*

Este estudo não acarretou riscos maiores do que os envolvidos na vida cotidiana dos colaboradores. Porém, a relação tempo de estudo pode ter sido afetada, tendo em vista que as entrevistas foram realizadas no período de aulas. A pesquisadora manteve-se disponível durante todas as etapas de pesquisa para aqueles que sentissem algum nível de desconforto e quisessem conversar em particular, a fim de oferecer suporte e cuidado. Os participantes foram convidados para a segunda etapa de pesquisa de maneira sigilosa, para evitar exposição dos mesmos. Com a participação na pesquisa, os colaboradores contribuíram para o desenvolvimento e avanço da ciência na interface saúde, educação e novas tecnologias, de modo a favorecer a compreensão do fenômeno *cyberbullying* na cidade de Juazeiro-BA e a criação de possíveis estratégias preventivas e de enfrentamento.

#### 4.8. *Análise de Dados*

Na primeira etapa de pesquisa, os dados obtidos nos questionários foram analisados por estatística descritiva. É importante destacar que a escolha pela utilização de informações numéricas, mesmo que apenas no momento inicial do estudo, remete a uma relação de complementariedade entre as tradições quantitativas e qualitativas e não de exclusão ou incompatibilidade. Assim, ao lançar uso de informações quantitativas, não se pretende rotular

ou categorizar, mas apenas descrever, mesmo que de forma incompleta, informações gerais sobre o público estudado. Isso significa dizer que, embora haja elementos quantificáveis, o foco principal da pesquisa está nos aspectos de natureza qualitativa.

Na segunda etapa de pesquisa, optamos por utilizar uma metodologia de análise fenomenológica de pesquisa baseada em alguns preceitos de Merleau-Ponty (1945;1984). Na pesquisa fenomenológica o pesquisador adota alguns pressupostos teóricos enquanto desconfiança, não no sentido de confirmação ou negação como no posicionamento positivista, mas no sentido de apontar possíveis caminhos que ajudem a compreender o fenômeno de estudo, uma vez que em uma abordagem merleauPontyana a redução fenomenológica sempre será incompleta, pois as teorias, crenças e atitudes do pesquisador não poderão ser totalmente suspensas e interferirão no processo de pesquisa (Moreira, 2004).

A análise foi realizada em seis passos:

- a) Registro das informações gravadas: após a realização das entrevistas, foi feita a transcrição na íntegra dos áudios registrados.
- b) Leitura e compreensão dos relatos: em seguida foi feita a leitura integral de cada relato, várias vezes pela pesquisadora, a fim de que se alcancem os significados da experiência de cada sujeito.
- c) Identificação das unidades de significado: a pesquisadora identificaram as unidades significativas nas transcrições, destacando os trechos que remetem aos objetivos investigados a partir da compreensão da pesquisadora sobre a experiência do participante.
- d) Discussão sobre os sentidos das experiências: de posse das unidades de significado, a pesquisadora e o orientador buscaram encontrar os sentidos presentificados na experiência relatada por cada sujeito.
- e) Confirmação do sentido da experiência: após análise individual de cada narrativa, houve um novo encontro com cada participante a fim de apresentar a análise construída, de modo

que pudesse confrontar as conclusões confirmando-as, alterando-as ou sugerindo alterações, possibilitando, o mais possível, a fidedigna da pesquisa.

- f) Síntese comum das narrativas: após essas análises, identificaram-se os significados em comum encontrados nas narrativas de todos os adolescentes colaboradores do estudo.

#### 4.9. *Divulgação dos Resultados*

Os resultados obtidos neste estudo serão transformados em artigo científico e submetidos a periódico especializado. A identificação dos colaboradores não será revelada em nenhuma hipótese, respeitando-se assim a privacidade dos mesmos conforme as normas éticas.



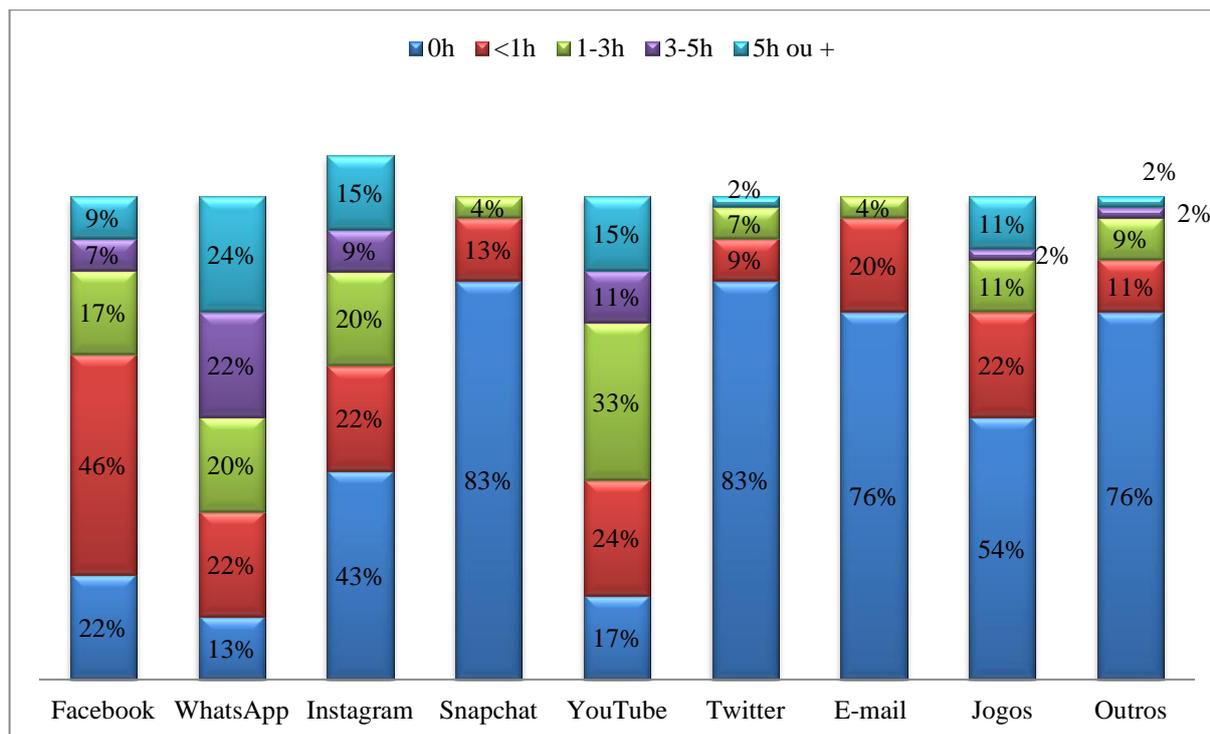
<b>De 1 a 3 salários</b>	3	27,3	5	45,5	3	27,3	-	-	-	-	-	-	11	23,9
<b>De 3 a 6 salários</b>	-	-	2	40,0	-	-	3	60,0	-	-	-	-	5	10,9
<b>De 6 a 9 salários</b>	-	-	-	-	2	66,7	-	-	1	33,3	-	-	3	6,5
<b>De 9 a 12 salários</b>	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	-	-	1	2,2
<b>Mais de 12 salários</b>	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,2
<b>Com quem vive</b>														
<b>Seus pais</b>	3	11,1	9	33,3	10	37,0	5	18,5	-	-	-	-	27	58,7
<b>Sua mãe</b>	2	12,5	8	50,0	4	25,0	2	12,5	-	-	-	-	16	34,8
<b>Seu pai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	1	2,2
<b>Sozinho</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	1	2,2
<b>Avós</b>	-	-	-	-	1	100	-	-	-	-	-	-	1	2,2

\*Nota: Salário mínimo: R\$ 937,00

Participaram da pesquisa 27 meninas e 19 meninos. Destaca-se a prevalência das faixas etárias entre 15 e 16 anos, representada por 17 (37%) e 15 (33%) adolescentes da amostra, respectivamente. A média de idade foi de 15,67 anos com um desvio padrão de 1,07. Em relação ao gênero, a maioria dos colaboradores se identificou com o gênero feminino, 28 (61%), enquanto apenas 18 (39%) com o gênero masculino.

No que se refere à escolaridade, houve mais voluntários no 1º ano do ensino médio, 18 (39%), seguidos de 16 (35%) estudantes do 2º ano e 12 (26%) estudantes do 3º ano. Já no que diz respeito à renda familiar, 25 (54%) dos estudantes não souberam responder quanto os seus pais ou responsáveis ganham, o que dificultou verificar com precisão questões relacionadas à renda média familiar. Porém, 12 (26%) alunos descrevem uma renda entre 1 e 3 salários mínimos; quatro (9%) entre 3 e 6 salários; três (7%) entre 6 e 9 salários e dois (4%) relatam uma renda familiar de mais de 12 salários mínimos, o que demonstra uma diversidade de classes sociais entre os estudantes.

A maioria dos alunos, 27 (59%), afirmam viver com ambos os pais, enquanto 16 (35%) vivem apenas com a mãe. Apenas um aluno relatou que vive com o seu pai, um respondeu que mora sozinho e outro com os seus avós.



**Figura 1.** Horas de uso da internet por dia  
Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação ao uso das TICs pelos jovens investigados, no que diz respeito ao tempo que gastam on-line em *sites* ou aplicativos através da internet, destaca-se o uso de *sites* e aplicativos populares como a rede de relacionamentos Facebook, a plataforma de conversas instantâneas WhatsApp, o aplicativo de compartilhamentos de fotos Instagram e o *site* de compartilhamentos de vídeos You Tube. Entre os adolescentes pesquisados, 21(46%) relatam utilizar o Facebook cerca de uma hora por dia, 11 (24%) afirmam usar o You Tube e 10 (22%) utilizam o WhatsApp, Instagram ou acessam jogos com a mesma frequência.

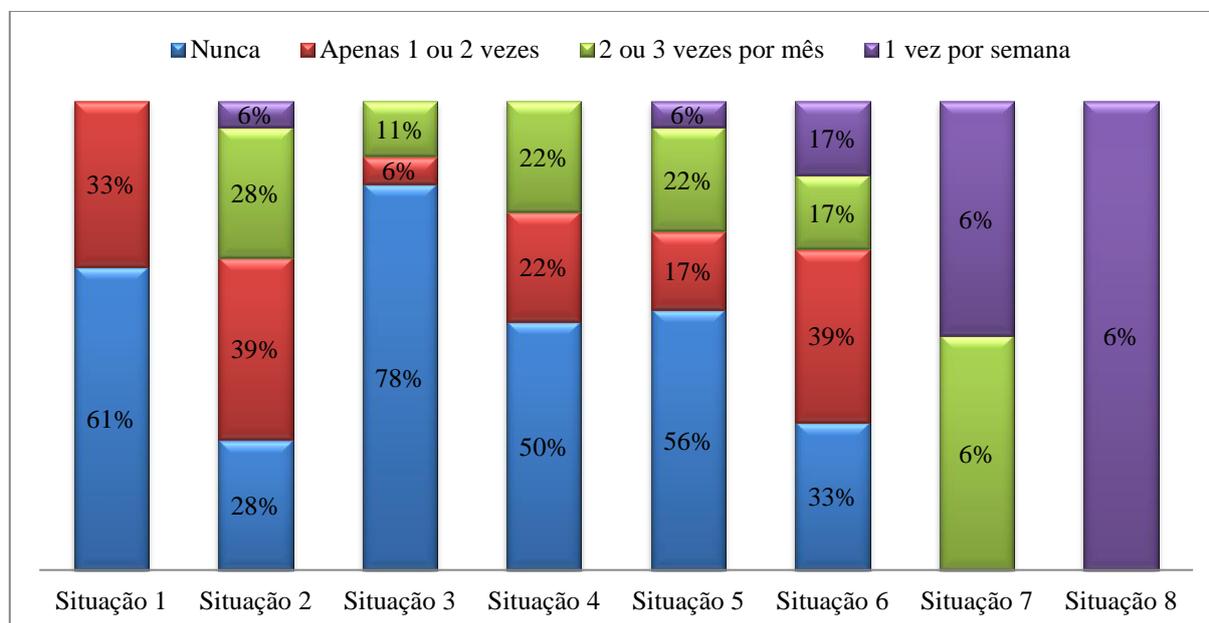
Outros 15 (33%) colaboradores afirmam utilizar o You Tube entre uma e três horas por dia e 10 (22%) chegam a utilizar o Facebook entre três e cinco horas por dia. Porém, chamam ainda mais atenção aqueles jovens que utilizam as TICs mais de cinco horas por dia, como no caso dos 11 (24%) que relataram usar o WhatsApp com essa frequência, além dos 7 (15%) que usam o Instagram ou o You Tube e dos cinco (11%) estudantes que acessam jogos mais de cinco horas durante o dia.

Quando questionados sobre o conhecimento de estratégias de segurança no ciberespaço, 37 (80%) dos colaboradores relataram que sim e outros 09 (20%) que não conhecem tais estratégias. Entre os mecanismos mais utilizados pelos estudantes estão: não abrir *links* ou anexos de pessoas desconhecidas e não partilhar informação pessoal com desconhecidos. As duas situações foram utilizadas por 29 (63%) colaboradores; denunciar páginas com conteúdo inadequado, relatado por 23 (50%) jovens; evitar ter conversas privadas com pessoas desconhecidas, 17 (37%) adolescentes; usar software que proteja de conteúdos indesejáveis e bloquear ou não adicionar e-mails desconhecidos, ambas são ferramentas usadas por 13 (28%) deles.

No que diz respeito aos processos de vitimização on-line, 28 (61%) afirmaram que nunca foram alvos de insultos, ameaças, constrangimentos ou perseguições na internet. Porém, outros 18 (39%) relataram que sim, já foram alvos de um tipo de intimidação virtual. Entre estes, o meio mais relatado das vivências de violência foi o site de relacionamentos Facebook, 11 (61%) pessoas, seguido da plataforma de mensagens instantâneas WhatsApp, seis (33%) dos colaboradores. Quatro (23%) alunos ainda afirmaram terem sido vítimas em jogos on-line e três não responderam quais foram os meios pelos quais sofreram agressões on-line.

Sobre a duração das agressões, chama atenção um participante que relatou ser intimidado por mais de três anos e outros três que afirmaram ter sido vítimas por mais de um ano. Nesse sentido, eles atendem ao critério de permanência ao longo do tempo para ser considerado *cyberbullying*. Ao participarem da entrevista na segunda etapa de pesquisa, observou-se que o tempo de intimidação on-line foi ainda maior do que o revelado inicialmente por esses alunos. Além disso, três adolescentes ainda afirmaram terem sido agredidos virtualmente por um curto período de tempo, entre um e três meses. Porém, a

maioria, 11 (61%), respondeu ter sido violentada de maneira pontual, por um período menor que um mês.



**Figura 2.** Frequência de vitimização on-line

Fonte: Dados da pesquisa.

**Notas:** Situação 1: Entraram no meu e-mail e se passaram por mim; Situação 2: Mensagens hostis por e-mail, redes sociais e/ou aplicativos; Situação 3: Compartilhamento de informações, fotos ou vídeos constrangedores; Situação 4: Exclusão de um jogo ou grupo on-line; Situação 5: Postagem de mentiras na internet; Situação 6: Falaram mal, ameaçaram ou fizeram piadas na internet; Situação 7: Outra forma como comentar minhas fotos inadequadamente/chacota; Situação 8: Outras formas como através de indiretas.

No que diz respeito às formas de agressões sofridas pelos adolescentes, sete (39%) afirmaram que receberam mensagens hostis por e-mail, redes sociais ou aplicativos apenas uma ou duas vezes. Porém, cinco (28%) relataram que isso ocorria duas ou três vezes por mês e um relatou que isso ocorria pelo menos uma vez por semana. Sete (39%) alunos também responderam que alguém já falou mal, ameaçou ou fez piadas com eles na internet uma ou duas vezes, outros três afirmaram que isso acontecia duas ou três vezes ao mês. Três pessoas ainda disseram que a frequência era de pelo menos uma vez por semana.

Em relação às postagens de mentiras sobre eles na internet, três alunos responderam que isso ocorreu apenas uma ou duas vezes; quatro, que isso ocorria duas ou três vezes ao mês; e um, que a frequência era pelo menos uma vez por semana. Quatro alunos ainda

responderam que foram expulsos de jogos ou grupos on-line duas ou três vezes por mês e, dois afirmaram que foram compartilhadas informações, fotos ou vídeos constrangedores com a mesma frequência. Tais resultados demonstram intensidade nas agressões sofridas pela maioria dos adolescentes expostos à violência on-line.

No item referente à identificação do agressor virtual, 11 (61%) colaboradores responderam que sim, identificaram quem foi o agressor on-line e que eles eram pessoas com quem tinham contato presencial. As principais reações à vitimização on-line foram: chorar, apontado por sete pessoas (39%); não reagir, ficar quieto/calado, mencionado por cinco jovens (28%); quatro (22%) ainda relatam ter respondido da mesma forma; três (17%) planejaram vingança; e três (17%) conversaram com alguém. Apenas um participante respondeu ter reagido realizando uma denúncia e um reagiu pedindo ajuda a outras pessoas. Tais dados demonstram que as estratégias utilizadas por esses jovens são prioritariamente individuais para lidar com o problema. Sete (39%) pessoas relatam ter reagido de outras formas, entre as quais estão: sentir-se constrangido; manteve a calma e resolveu o problema de forma sensata; ignorou a pessoa; falou com a pessoa, mas ela “não deu a mínima”; e amadureci com a situação.

Quando questionados se a violência virtual teve alguma consequência em suas vidas, 11(61%) disseram que sim e sete (39%) disseram que não. Entre os alunos que responderam sim, as principais consequências apontadas foram de ordem psicológica, presentes em 10 dos jovens (91%), seguidas das sociais em sete (64%) adolescentes e das físicas, relatadas por cinco (45%) deles. Esses dados demonstram as repercussões biopsicossociais da vivência de violência virtual, em que alguns alunos tiveram as três dimensões afetadas em suas experiências. Os estudantes que tiveram mais dimensões afetadas foram justamente os que foram agredidos por maior período e intensidade de tempo.

Na parte do questionário em que foram apresentados aos alunos cenários hipotéticos de vivências de *cyberbullying*, houve variação na avaliação da gravidade dos acontecimentos. No Caso 1 – Eduarda, a maioria dos alunos consideraram uma situação Leve, 22 (48%), enquanto 16 (35%) consideraram moderado e outros oito (17%), grave. Já no Caso 2 – João, ninguém considerou a situação como leve, mas seis (13%) deles consideraram moderado e 40 (87%), grave. De forma semelhante, nenhuma pessoa avaliou o Caso 3 – Raquel, Leve; 4 (9%) consideraram moderado e 42 (91%), grave.

No Caso 4 – Amanda, houve respostas diferentes, pois se sobressaíram avaliações do contexto de violência como moderado, representando 27 (59%) dos colaboradores e apenas três (7%) perceberam a situação como grave. No Caso 5 – Mário, novamente se sobressaem as avaliações da situação como sendo grave, 38 (83%); seguida da moderada, sete (15%) e apenas uma avalia a situação como leve. Por fim, no caso 6 – Joaquim, 42 (91%) consideraram uma situação grave, e quatro (9%) como moderado, mas nenhuma a considera leve. Observa-se assim que o conteúdo da agressão interfere no senso de gravidade dos jovens, o que pode estar relacionado a aspectos psicossociais de suas experiências.

Ao serem questionados se já realizaram alguma ação semelhante aos dos casos citados, 12 (26%) afirmaram que sim e 34 (74%) afirmaram que não. Quanto ao caso que os colaboradores mais se identificam, a maioria, 10 (83%) relataram identificar-se com o Caso 1 – Eduarda, considerado pela maioria como leve. Enquanto dois (17%) identificaram-se com o caso de Amanda e Joaquim. Um se interessou pelo caso Raquel e caso Joaquim. Já outro aluno se identificou com o caso Raquel e um com o caso Mário. É reconhecido que as respostas dos alunos podem ter sofrido o efeito da desejabilidade social.

## 5.2. Elementos significativos na experiência de adolescentes

Para garantir o anonimato dos participantes, o nome dos quatro alunos que participaram da entrevista foram substituídos por pseudônimos referentes às características que marcaram suas experiências com o fenômeno *cyberbullying*, são eles: Aceitação, Impulsividade, Raiva e Apatia. Na tabela 2, é possível observar algumas informações específicas sobre estes adolescentes no que diz respeito ao perfil e a experiência.

**Tabela 2.** Perfil e experiência dos colaboradores

Colaboradores	Gênero	Idade	Escolaridade	Período da Experiência	Meios Utilizados nas Agressões	Formas das Agressões	Posição na Experiência
<b>Aceitação</b>	Feminino	15 anos	2º ano Ens. Médio	2011-2013 / 2014-2016	Facebook	Partilhas Pessoais Embaraçosas/ Mensagens Hostis/ Difamação	Vítima / Agressor
<b>Impulsividade</b>	Feminino	16 anos	2º ano Ens. Médio	2015 / 2016	Facebbok/ Whatsapp/ Instagram	Partilhas Pessoais e Embaraçosas / Mensagens Hostis/ Lutas On-line / Difamação	Vítima / Agressor
<b>Raiva</b>	Masculino	16anos	3º ano Ens. Médio	3013-actual	Jogos	Mensagens Hostis/ Lutas On-line / Trocas de Insultos	Vítima / Agressor
<b>Apatia</b>	Masculino	17 anos	3º ano Ens. Médio	2011-2012 / 2013	Facebbok/ Whatsapp	Mensagens Hostis/ Exclusão / Difamação / Insultos	Vítima

As experiências de cada adolescente com o fenômeno *cyberbullying* são bastante singulares. Porém, chamamos atenção para o processo de transformação de si mesmo e da relação com o outro, pelo qual todos passaram durante e após as vivências de violência. Assim, seus comportamentos, atitudes, pensamentos, necessidades e percepções mudaram em diferentes momentos da experiência. Assumiram ora a posição de vítima, ora a posição de agressor em um ciclo de relações e trocas, construção e reconstrução de sentidos, estratégias e formas de enfrentamento, até reconhecerem a si mesmos e as cicatrizes desse processo, tornando-se condutores ativos e responsáveis pelas suas próprias histórias de vida.

Aceitação foi o nome escolhido para uma adolescente tendo em vista que sua experiência com o *cyberbullying* foi perpassada por uma intensa necessidade de se sentir aceita socialmente, seja pela família, pelos amigos ou pelos grupos. Esses aspectos estão presentes em relatos como:

*“eu tinha medo desse tipo de coisa também ...<sup>2</sup> de não ser aceita (...)<sup>3</sup> pelo fato de não ter gostado desse tipo de brincadeira”* (Aceitação).

De forma semelhante, Impulsividade foi escolhido por representar uma característica presente no comportamento de outra jovem e sua maneira de reagir ao mundo a sua volta, de modo a perpassar toda a sua experiência com o *cyberbullying*. Como pode ser visto no trecho a seguir:

*“Eu era ruinzinha desde pequena, não estava nem aí. Mas tipo, a pessoa cresce, cresce, cresce com isso, achando que isso não vai afetar ninguém. (...) A gente controlar a língua é um desafio”* (Impulsividade).

Já o pseudônimo Raiva, encontra relação com o adolescente por ser um dos sentimentos mobilizados na sua experiência com a violência virtual presente nos jogos os quais acessa. Como reflete o seguinte relato:

*“(...) o cara me stressava e eu xingava de volta, e xingava no mesmo nível ou até pior. Só pra ele<sup>4</sup> eu fazer ele sentir a raiva que ele me fez sentir”* (Raiva).

Por fim, o nome Apatia foi escolhido para outro jovem tendo em vista ter sido essa uma das repercussões que a experiência com o *bullying* e com o *cyberbullying* trouxe para sua existência, modificando sua forma de perceber e lidar com os fenômenos. Como pode ser visto a seguir:

---

<sup>2</sup> Pausa.

<sup>3</sup> Corte na fala.

<sup>4</sup> Interrupção discursiva.

*Os guris ficaram colocando apelido e eles falavam:.<sup>5</sup> que:: tinha que parar de ligar que:: se eu ficasse ligando para essas coisas o povo ia continuar e tal. (...) Eu parei de/ tipo...parei de me importar. Ligava/ agia como se eu não estivesse ali (Apatia).*

A partir do estabelecimento de uma relação intersubjetiva com os adolescentes pesquisados, no momento da entrevista e da análise dela resultante, foi possível compreender uma complexidade de aspectos envolvidos no modo como cada um, de forma peculiar, vivenciou o *cyberbullying*, em um movimento de construção e reconstrução constante de sentidos. Assim, esses jovens mobilizaram suas energias, seus corpos e suas percepções no campo da experiência para reconhecerem a si mesmos e ao outro, na tentativa de dar conta da realidade em questão.

Entre os sentidos compreendidos das experiências, destacam-se: a criação de estratégias de enfrentamento para lidar com o fenômeno; a mobilização de diversos sentimentos associados às vivências; a percepção sobre os comportamentos dos outros envolvidos na relação, sejam agressores, vítimas ou plateia; as reflexões e mudanças após a experiência; as percepções sobre as formas de relacionamento entre os jovens em seus contextos sociais; a relação de continuidade entre o *bullying* e o *cyberbullying*; as formas como se tornaram agressores; as intervenções insuficientes por parte da escola; a relação com pensamentos e ideação suicida; e as repercussões sociais, educacionais e para a saúde física e emocional dos jovens. A tabela a seguir demonstra alguns destes sentidos presentificados a partir da entrevista.

**Tabela 3:** Presentificação de sentidos.

Presentificação de Sentido	Fragmentos do Relato
	<p>Não falei a minha irmã, não falei a ninguém da minha família, ninguém foi comunicado ninguém chegou a ver isso também (...) pra mim era melhor deixar quieto (Aceitação).</p> <p>Eu tenho um negócio no Facebook que só entra na minha conta/ se eu botar a senha tem que mandar um código para o meu celular. E é igual a do iCloud (Impulsividade).</p>

<sup>5</sup>Alongamento vocal.

<b>Estratégias para lidar com o fenômeno</b>	Se você tiver/ uma coisa que você tem que fazer antes de jogar é não estar estressado. Porque se você for... jogar estressado, vai ter alguém para lhe estressar e... acumular esse estresse e você vai pistolar <sup>6</sup> (Raiva).
<b>Sentimentos associadas à experiência</b>	Eu procurava evitar o facebook e tal. Até porque eu não sabia usar direito na época e porque também, quando eu entrava, as pessoas ficavam falando essas coisas comigo (Apatia).  Dói muito mais do que se você... um exemplo alguém te batesse (...) eu não sei... era/ era uma coisa assim que eu tinha medo de/ de mexer (Aceitação). Cheguei lá na sala, eu fiquei com raiva de mim mesmo por não ter falado um monte de coisa que ela deveria ouvir, sabe (Impulsividade). Eu era o mais baixo, tá ligado? Elo <sup>7</sup> e... você acaba sofrendo mais porque você... tem uma imagem de ser um dos piores do jogo (Raiva). É, mas... pena de mim mesmo. Por eu... uma sensação de raiva mesmo. Por:: não ter feito nada, não ter reagido de algum jeito (Apatia).
<b>Percepção sobre o comportamento do agressor, vítima e plateia.</b>	É uma coisa que lhe atinge demais porque as pessoas não... como elas não tem noção... do quanto isso/ isso atinge elas:- ah não, normal. Sabe... mas isso dói demais na pessoa (Aceitação). Coisas do tipo, ah, as pessoas ficam se ameaçando na internet. E ninguém tem nada a perder, você tá na internet, no seu teclado, ninguém vai lhe buscar nem nada. Você pode falar o que você quiser (Raiva). Aí eu percebi que ela estava muito isolada, que ela não era mais a mesma pessoa, todo mundo falava. E eu /eu tenho certeza que eu cooperei para um sofrimento dela (Impulsividade).
<b>Reflexões e mudanças após a experiência</b>	Não era para eu ter mandado para um grupo. Porque isso não se faz com ninguém. E se fosse comigo eu não iria gostar (Impulsividade). Acho que é tanto que eu já passei pelo jogo, a experiência que eu tive três, quatro anos. Acho que já deu para perceber que... Ficar discutindo no chat não vai levar a nada (Raiva). Às vezes eu penso que se eu não tivesse me isolado tanto eu não teria... dado tanta ousadia assim:: e não teria acontecido TANTA [ênfase] coisa (Apatia).
<b>Relações interpessoais entre os jovens</b>	E você tinha que se inserir ali, você tinha que gostar de rock, tinha que gostar de não sei o que, tinha que gostar das coisas que elas gostavam... se você não gostasse você... sabe (Aceitação). Nos jogos isso é super comum, tá ligado?! Tipo, não é como se fosse determinado só para uma pessoa. É algo generalizado, todo mundo acaba sofrendo isso (Raiva).
<b>Ideação e planos suicidas</b>	Mas na época eu cheguei a pensar em me matar:: (...) Depois que eu vi isso também foi que eu cheguei a pensar em suicídio real (Aceitação). Eu/ eu morava num prédio, tipo de andar e tal. Já pensei várias vezes de pular:: de fazer/ várias vezes. Só que eu nunca tive coragem de fazer, sabe. Eu sempre chegava e:: desistia (Apatia).
<b>Relação entre o bullying e cyberbullying</b>	A menina jogou água no meu pé também. E ficou dando risada depois em rede social... que eu tive que voltar para o hospital (Impulsividade). Era mais coisa de criança mesmo tipo, botava apelido, ficava só naquele apelido mesmo [estala os dedos repetidas vezes] não chamava pelo nome, mais nada (Apatia).
<b>Tornar-se agressor</b>	Oh, era tanta vontade de ser aceita que em dois mil e treze eu cheguei a praticar <i>bullying</i> também nas redes sociais... porque eu achava que fazendo isso ... eu era aceita... entendeu? (Aceitação). E querendo ou não, eu também usufruí deste aplicativo para falar (...) imagina você não gostar de uma pessoa e você tem a oportunidade de falar aqui/ um monte de coisa para ela... é um sonho praticamente (Impulsividade). Só que eu queria mudar. Mas eu não conseguia porque... de vez em quando, quando o estresse não dava, eu acaba/ acabava terminando ou xingando todo mundo (Raiva).

<sup>6</sup>Ficar nervoso, perder a razão.

<sup>7</sup>Elo é um método de pontuar jogadores de acordo com suas habilidades.

<b>A intervenção da escola</b>	Eu procurava a coordenação, mas não... não tinha muito efeito (Aceitação). Os professores meio que me ajudavam, ( ) <sup>8</sup> porque eles viam que eu não gostava (Apatia).
<b>Repercussões para a saúde física e emocional</b>	Quando eu não sei lidar com alguma coisa realmente, meu/eu... parece que o meu corpo absorve e não sei, eu tenho uma reação assim (Aceitação). Eu percebo que uma/ essa questão do estresse na internet ajudou muito a testar minha paciência (Raiva). Acho que não é questão de se permitir expressar não, acho que é questão de sentimento mesmo que eu acho que eu não:... sou diferente, meio que diferente assim [risos] (Apatia).
<b>Repercussões sociais e educacionais</b>	Eu acho que, eu não sei... eu não consigo mais ter foco. Como eu/ como eu já tive há muito tempo atrás, muito tempo mesmo (Aceitação). E até hoje se a pessoa falasse assim: – ah eu achava isso de você. Eu fico mal sabe (Impulsividade). Aí começou a aula, aí você começa a se lembrar dos momentos que você passou. Aí ... você começa a trabalhar sua mente não para assistir aula e sim para pensar nesses momentos (Raiva). Por exemplo, tem um monte de gente na rua, eu vou e dou a volta. Porque eu penso que fazem/ pensava que podiam tirar onda e tal (Apatia).

Neste estudo focalizaremos apenas nas presentificações de sentido que tiverem maior relação com os objetivos da pesquisa. Foi possível compreender que para lidar com o fenômeno da violência virtual e do *cyberbullying* eles desenvolveram estratégias variadas, que apesar parecerem ser insuficiente para lidar com o problema de modo resolutivo e eficaz, foram os meios que conseguiram mobilizar e que mais fizeram sentido na tentativa de autopreservação.

As estratégias são consideradas insuficientes por não extinguir as agressões, tendo em vista que todos passaram mais de um ano sendo agredidos. Além disso, tais estratégias foram prioritariamente individuais, demonstrando dificuldade em buscar ajuda de terceiros para lidar com o problema. Destacamos as estratégias de evitamento, de adaptação, de confronto, de diálogo, de proteção on-line, de prevenção, de ruptura e de ajuda a outras vítimas. Em relação às estratégias de pedido de ajuda, estas foram principalmente direcionadas a amigos, de modo que pedir ajuda a familiares, profissionais de saúde ou a própria escola foi pouco considerado pelos adolescentes.

<sup>8</sup> Incompreensão de palavras ou segmentos.

No que diz respeito às estratégias de evitamento, estas foram mais utilizadas pelos adolescentes Aceitação e Apatia, que vivenciaram o *bullying* e o *cyberbullying* de maneira isolada e passiva, com poucos recursos de enfrentamento e pedido de ajuda. Assim, esses jovens esconderam da família o que estava ocorrendo e tentaram ignorar o fato e os agressores, porém não sem sofrimento. Eles apenas comentavam sobre o assunto para alguns poucos colegas que acompanharam a exposições e insultos on-line e na escola. Porém, Apatia, por ter se isolado, teve uma rede de apoio ainda mais reduzida. Com frequência, estes também evitaram ir à escola, fonte das agressões que continuavam na internet. Porém, reconhecem que essas estratégias foram limitantes e não colaboraram para a resolução do problema.

*Eu não queria ir mais para a escola, ficava/ eu nunca contei aos meus pais tudo que eu passava em escola, nada, nunca contei a ninguém... . Às vezes, eu contava para alguém que estudava comigo porque via né, mas (...). E, às vezes, é preciso você tomar uma iniciativa sobre a que/ que às vezes é muito sério. Você precisa tomar uma iniciativa, alguma coisa assim. Não agressiva nem nada, mas... passiva mesmo assim, tomar uma iniciativa, e às vezes eu não tomava (Aceitação).*

*Era um atraso, porque eu não queria ir pro colégio. Fazia de tudo para chegar atrasado. (...) porque né... meio que... não sei... eu ficava lá ouvin/ eu fica/ por exemplo, o povo tirava onda comigo, eu chegava em casa chorava. (...) eu meio que me isolava mais, eu num:: respondia, eu nunca contei pra ninguém:: das coisas. Sempre... mantive isso para mim (Apatia).*

Para estes adolescentes, sentirem-se incluídos em um grupo era algo importante e sofriam por serem vistos de um modo diferente pelo grupo. Desse modo, chegaram a desenvolver estratégias no sentido de se adaptarem aos padrões exigidos socialmente, sejam fisicamente ou no comportamento. Porém, sem efeito para reduzir as agressões.

*Quando eu molhava meu cabelo eu sempre lambia assim sabe... prendia. Minha mãe ficava: – Menina, solta o cabelo solta, não sei o quê. – O cabelo, seu cabelo tão bonito. E eu nunca queria... para as pessoas não falarem (Aceitação).*

*Quando alguém/ uma pessoa ia falar comigo, eu meio que mudava o meu jeito, eu mudava tudo porque eu pensava: – Eu vou fazer, né, algum amigo e tal. Só que eu, eu meio que... acabava me afastando de novo (Apatia).*

É interessante ressaltar que estes também foram os dois adolescentes que, com a permanência das agressões on-line e presenciais, passaram com o tempo a desenvolver pensamentos e ideação suicida. Isso nos leva a pensar que a ausência de uma rede de apoio e de espaços de escuta, associada ao sofrimento mobilizado pelas agressões, e estratégias de enfrentamento e de autocuidado deficientes para lidar com o problema, possam ter funcionado como potenciais fatores de risco ao suicídio.

*Era só... tristeza mesmo. Teve:: eu nunca/ eu já peguei várias vezes isso (...) eu morava no quarto... ou era quinto andar. Aí:: então... já a queda ali. Aí eu pegava, sentava na janela e ficava olhando lá pra baixo. Só que eu não tinha coragem. Já peguei faca, já peguei gillette. Nunca... eu ficava mesmo querendo mesmo entende?! (Apatia).*

*Não, eu só tinha vontade de morrer mesmo, vontade de morrer, muita vontade de morrer. (...) eu fui até para a orla ali... pensei em subir na ponte... só que nesse dia eu encontrei minha tia (...). Peguei uma faca e tentei/ cheguei a ir para frente do espelho e ficar assim sabe, com ela aqui no pescoço. Muito tempo olhando para ela. Mas alguma coisa me dizia que não, não faz isso, sabe?! (Aceitação).*

Entre as estratégias de pedido de ajuda mobilizadas pelos adolescentes, houve suporte limitado entre pares, porém alguns colaboraram com aconselhamentos sobre a forma de conduta e orientações sobre proteção on-line. A restrição foi ainda maior, no que se refere a

atores do contexto social, como família, escola ou profissionais de saúde. Chama atenção a utilização da religiosidade pelas jovens Aceitação e Impulsividade e o contato com pessoas no meio religioso, como estratégia de pedido de ajuda para lidarem com os sentimentos associados às agressões. Porém, para cada uma delas, a religiosidade assume uma perspectiva diferente, pois, para Impulsividade, funcionou como uma forma de mudança, em suas ações, de uma postura mais agressiva para uma postura de ajuda ao outro. Já para Aceitação, funcionou como uma forma de conforto diante do sofrimento, mas colaborou também para a manutenção de uma postura passiva diante das agressões.

*Mas eu tenho que pagar por isso entendeu; é... porque no espiritismo é assim . Você faz uma coisa, você machuca alguém, você faz uma boa ação, entendeu? Para que aquela pessoa perdoe. Como eu te machuquei, a próxima pessoa que eu 'ver' se machucando, eu vou tentar fazer alguma coisa, sabe, para que isso não aconteça novamente (Impulsividade).*

*E se você pensar muito pelo lado de Jesus, da compaixão, daquela coisa... porque:: na minha concepção, assim, se até ele foi julgado, por que nós não, né?! (...) por um lado foi ruim também, porque você fica muito confortável, não toma iniciativa. Porque às vezes é preciso (Aceitação).*

Outra estratégia bastante utilizada pelos jovens foram as de confronto ao agressor on-line ou presencialmente, seja no sentido de uma conversa amigável ou um embate mais incisivo. No caso de Aceitação, observa-se que esta última estratégia só se desenvolveu mais tarde, após bastante tempo de passividade diante das intimidações. No caso de Raiva e Impulsividade, estes entravam em confronto mais hostis com os agressores, espécies de lutas on-line nas quais parecem estar envolvidas relações de poder, necessidade de revidar ou ter suas ideias aceitas. Apenas mais tarde, pois adquire bastante experiência com os jogos virtuais, Raiva relata adotar outras estratégias para lidar com os fenômenos. Já Impulsividade,

apesar de perceber os confrontos como negativos, na prática, ainda parece encontrar certa dificuldade nesse aspecto. Apatia não demonstrou a utilização de estratégias de confronto.

*Aí eu perguntei o que era aquilo. Aí ele: – não, você se doeu foi? Aí, eu falei:– não, me doí não... é porque eu fiquei sabendo que, F2<sup>9</sup> o nome dela, tinha falado que eu estava com piolho, não sei o que... e:: AC<sup>10</sup>, são minha iniciais e:: e você estava falando de piolho, eu estou pensando que é por isso. – Me explique! (Aceitação).*

*“Tem muito esse negócio de você... dar o troco pela coisa que outra pessoa fez. Porque tipo, aquela/ aquela famosa frase: – Foi ele que começou. Então, ele que começou, eu vou rebater. Era mais ou menos isso” (Raiva).*

*“É só ganhar o debate né, praticamente é um debate. Se você ganhar, tá tudo bem. (...) Até várias pessoas concordarem comigo” (Impulsividade).*

Vale ressaltar ainda as estratégias de ruptura utilizadas por Raiva nos momentos em que algo lhe incomodava durante as partidas nos jogos on-line. Nesse sentido, utilizar os mecanismos disponíveis no jogo para romper o contato com o agressor passou a ser uma forma de evitar entrar em confronto direto e lutas on-line, cessando as agressões no momento em que elas iniciavam. Porém, essa estratégia não foi totalmente efetiva, pois o sentimento de raiva associado às agressões continuou existindo.

*Mas no jogo tem um mecanismo, por exemplo, de você:: por exemplo, mutar<sup>11</sup> o chat da outra pessoa. Aí meio que ela não pode falar com você. Só que, às vezes, mesmo quando você muda o chat, você sente que ela tá fazendo alguma coisa. Aí você fica com vontade de tirar esse mute para ver o que ela tá falando, só de raiva [risos] (...)*  
*Dá uma vontade de saber que merda esse cara está falando,véi (Raiva).*

Outra estratégia a ser mencionada refere-se à ajuda a outras vítimas, utilizada por Impulsividade. Apesar de essa adolescente ter assumido a postura de vítima-agressora, após

<sup>9</sup> A letra F com um número substitui nomes femininos citados pela participante.

<sup>10</sup> Iniciais do nome da participante foram substituídas pelas iniciais do pseudônimo.

<sup>11</sup> Desativar o bate-papo.

refletir sobre sua experiência, iniciou um processo de mudança em suas formas de relacionamento. Desse modo, em seu contexto social, passou a intervir em situações de violência, na defesa da vítima. Porém, com isso passou a se envolver também em embates com outros agressores, de modo a dar continuidade às agressões, ao invés de cessá-las.

*EU ME METO SABIA?[ênfase] Eu me/ eu ainda acho/ eu não sei se isso é um erro. Se eu 'ver' que alguém tá querendo humilhar outro EU ME METO [ênfase]. (...) Eu tenho muito isso de me envolver onde eu não sou chamada quando eu vejo que a pessoa tá sendo, sabe, humilhada. Eu não gosto de ver isso não (Impulsividade).*

Diante desses aspectos, é possível que as estratégias mobilizadas pelos adolescentes investigados foram insuficientes para acabar com as agressões, de modo que seus efeitos foram limitados e passageiros. O sofrimento associado à experiência continuou existindo, assim como a incidência das agressões. Não encontrando outros recursos, alguns chegaram a recorrer a pensamentos suicidas como possibilidade de sanar a dor, ou mesmo tornarem-se agressores como resposta à intimidação on-line. Assim, considera-se a importância de que esses jovens desenvolvam estratégias mais eficazes para parar as agressões, não mais individuais e solitárias, mas sim coletivas, solidárias e saudáveis.

É visível o sofrimento envolvido nas experiências de intimidação on-line, em sua maioria decorrente da continuidade da violência presente no ambiente escolar. Entre os sentimentos presentes nas experiências dos jovens estão: o aumento da irritabilidade e do nível de estresse e raiva; prazer e satisfação no sofrimento do outro; necessidade de inferiorização do outro; tristeza; inutilidade; exclusão; vergonha; medo; culpa; ansiedade; e frustração.

O aumento da irritabilidade, do nível de estresse e da raiva estão presentes nas experiências de Raiva, Impulsividade e Aceitação. Observamos que se sentirem desta forma, além de lhes causar intenso sofrimento, colaborou para uma redução da tolerância e,

consequentemente, o aumento do comportamento agressivo em relação aos outros. Como pode ser visto nos relatos a seguir:

*Uma coisa que eu sempre percebo é que eu sempre consigo ficar estressado uma vez ou outra. Eu posso ficar dois meses inteiros sem ficar estressado, mas sempre vai ter aquela vez que você fica estressado. Isso acontece com todo mundo, não tem ninguém que está ileso de:: você ficar estressado e:: sei lá, querer bater na cadeira de tanta raiva que fica. Porque a raiva é inerente ali, não tem como (Raiva).*

*Eu sinto muita raiva dele. Não é raiva, é desconforto. Se eu tô num lugar, ele vem falar comigo na maior cara de pau. Isso é desconfortável. Eu não gosto dele. Uma pessoa que só me desejou o mal. (...) porque ele é uma pessoa ridícula (Impulsividade).*

*Eu:: tomei... uma:: raiva da cara dela e não queria mais falar. (...) eu chegava a me descabelar (...). Olha, isso aqui foi por causa dela [mostra o celular com a tela trincada]. Isso aqui foi por causa dela que eu joguei meu celular na parede e tudo (Aceitação).*

Tornando-se agressores, os adolescentes parecem reduzir o nível de empatia pelas vítimas, de modo a apresentarem dificuldade em se colocarem no lugar delas e, naquele momento, as avaliam como merecedoras das agressões. Parece haver, nesse sentido, sentimento de prazer e satisfação diante do sofrimento do outro, uma necessidade de inferiorização diante do grupo social, e ainda o desejo de que o outro sofra de forma semelhante a sua, perpetuando assim, o ciclo da violência.

*Era tipo aquele prazer no ódio. Você tinha, é:: aquele gosto de ver a outra pessoa sofrer. De tanto que você sofreu ela tem que sofrer também (...). Aí você meio que se esquece da realidade e fica alimentando esse sentimento de ódio. Tipo, quando/*

*quando eu chegar em casa eu vou dar o troco em todo mundo. Aí você passa, por exemplo, o dia inteiro só pensando em raiva, raiva, raiva (Raiva).*

*Na época, eu fiquei:– Essa safada vai me pagar! Só pensei isso e eu falei a ela: – No dia que eu tiver oportunidade de mostrar para sua mãe eu mostro! (...) Eu não senti nada. Fiquei foi dando risada. (...) Ainda quando eu cheg/ vim estudar aqui, ainda chamava ela de Maria Nudes, na frente dela (Impulsividade).*

Os sentimentos de tristeza, vergonha, inutilidade e a sensação de ser excluído também estão presentes nas experiências dos jovens, de modo que parecem afetar aspectos como a autoestima e o relacionamento com o outro. Tais sentimentos aparecem tanto diante da vitimização como no comportamento agressivo, demonstrando haver sofrimento independente da posição que se ocupe na relação.

*“Você se sente envergonhado demais pelo que você fez, que você prejudicou uma pessoa... Essa pessoa podia ter tomado uma atitude como a que eu pensava na época, de me matar... eu podia ser responsável por isso” (Aceitação).*

*Acho que, assim, nem aconteceu de eu passar uma semana sem chorar [risos] quando eu tava em Salvador (...). Já me chamaram de burro, já me chamaram de Shrek, gordo, baleia, meio mundo de coisa. Hoje eu já não ligo, tá ligado?! Mas na época era horrível. Era meio que eu sentia como se ninguém gostasse de mim, tá ligado?! (Apatia).*

*“Eu fiquei muito mal, muito mal mesmo. Porque eu acho isso desumano sabe. Eu não teria coragem de fazer isso não, com ninguém” (Impulsividade).*

*Tristeza... porque eu/ eu não entendia porque as pessoas faziam aquilo. O que é que tinha de mais na foto... não tinha nada. (...) eu me sentia muito/ muito mal, porque... sei lá, um negócio assim que você consegue explicar... você se sente muito INÚTIL [ênfase][voz embargada] (...) muito inútil, muito (Aceitação).*

O medo aparece em expectativa ao comportamento do outro na relação, seja medo do julgamento e não aceitação do outro, como no caso de Aceitação, seja medo de que as agressões se repitam em uma nova cidade e com pessoas diferentes, como no caso de Apatia, ou mesmo o medo de que a violência deixasse de ser verbal e passasse também a ser física, como no caso de Impulsividade. Em todos eles, esse sentimento parece ter funcionado como fonte de angústias e barreiras diante da possibilidade de ação.

*“Tipo, meio que me doía por que meio que/ meio que me lembrava lá e aí eu pensava que poderia acontecer aqui de novo”* (Apatia).

*Medo ... do que os meus pais podiam pensar, o que eles podiam fazer... de que o que eles fizessem as pessoas pudessem não gostar, sabe de... um exemplo... eu tomar alguma medida, se não os meus pais e eles falarem:– ah besteira... por que você está fazendo isso?* (Aceitação)

*“Só que eu tinha medo de elas me baterem, sabe, só que depois que F5 entrou aqui eu não tive mais medo não. F5 parecia um guardinha”* (Impulsividade).

Vale destacar ainda o sentimento de culpa que parece estar presente na experiência de Impulsividade e Apatia. Mais uma vez, a culpa aparece tanto no comportamento do agressor como da vítima. O primeiro, quando se sente responsável pelo sofrimento causado ao outro e se arrepende dos seus atos, como relata Impulsividade, e o segundo, quando a própria vítima se sente responsável pelas agressões sofridas, colocando-se em posição de inferioridade na tentativa de encontrar sentido para os acontecimentos, como demonstra Apatia.

*“Eu sinto que ela, tipo, que eu deveria pedir perdão a ela sabe. Que eu ia, ia ser um peso a menos para mim. Porque eu sei que/ que eu/ eu quero o perdão dela”* (Impulsividade).

*“Às vezes, quando eles brigavam eu achava que a culpa era minha. Porque e/ eles não gostavam de mim”* (Apatia).

Entre as repercussões da experiência que parecem permanecer a médios e longos prazos, podemos citar os sinais de ansiedade apresentados por Raiva e Aceitação, assim como as reações corporais decorrentes dela. Raiva, mobilizado pela competitividade, relações de poder e pressões existentes nos jogos, demonstra no corpo suas angústias, seja na forma acelerada de manipular o teclado, seja em agressões contra objetos ou contra si mesmo. Já Aceitação, apresenta respostas corporais as quais não consegue controlar, como tensão, tremores, agitação, falta de ar e crises diante de situações com as quais não encontra recursos para lidar.

*Aí tipo... uma coisa que você percebe quando você começa a ficar ansioso é que, tipo, você tá jogando e você começa a apertar muito rápido os botões. Tipo, um negócio muito desnecessário. Você ficar apertando os botões 'trrararara' parece que vai quebrar o teclado (...) por exemplo, eu já cheguei uma vez, isso foi a há muito tempo atrás, eu me senti tão estressado que eu bati minha cabeça ... na mesa. Eu bati minha cabeça na mesa. [risos] foi com bastante força aquilo (Raiva).*

*Não tenho muito controle sobre os meus nervos. Quando eu estou muito nervosa, alguma coisa, eu começo a me tremer INTEIRA [ênfase], aí é o corpo inteiro. Não é/ é/ dá uma falta de ar aqui. Até porque eu tenho muita ansiedade também, eu tenho muita coisa... eu sou toda [risos](Aceitação).*

Além disso, alguns participantes parecem demonstrar incômodo com possíveis alterações em seus estados emocionais, oscilando entre momentos de bem-estar, outros de angústia e irritação, que parecem repercutir nas formas de relacionamento social. A exemplo disso, Aceitação se considera emocionalmente instável, e Raiva demonstra perceber que seu nível de irritabilidade e agressividade podem trazer prejuízos a sua vida social, inclusive com a família.

*“E social também, porque quando você se estressa no jogo você acaba ficando mais agressivo com as outras pessoas. Até as pessoas que você/ que você mora junto” (Raiva).*

*Eu sou uma pessoa muito diferente hoje. Qualquer coisinha eu já estou... desesperada, hãhã ... chorando, sabe [risos]. Como/ como eu já disse, eu não sei lidar bem com as coisas, e essa é a forma que eu encontro. Que fiquei uma pessoa muito sentimental, assim. Ou então, muitas vezes... chata... impaciente, em tudo (Aceitação).*

As participantes Aceitação e Impulsividade chegam a relatar sobre a importância do acompanhamento de um profissional de saúde para lidar com a dimensão psicossocial dos *cyberbullying*. Porém, apenas Aceitação considera que precisa, ela mesma, de suporte psicológico, após muitos anos de resistência, para lidar inclusive com as repercussões que sua experiência lhe traz hoje.

*“Porque eu acho que eu/ eu sozinha não estou conseguindo mais lidar, que eu nunca consegui, né?! Mas está chegando ao ponto assim de... está prejudicando muito” (Aceitação).*

Outra repercussão da experiência dos jovens tem a ver com o isolamento social de alguns diante das intimidações, de modo a influenciar suas atitudes com os outros ainda nos dias atuais. No caso de Apatia, além do isolamento, parece ocorrer uma redução da sensibilidade com o outro, que pode estar relacionado à tentativa de minimizar a dor da experiência de violência sofrida, porém teve como efeito minimizar também outras emoções.

*Só que uma coisa que, por exemplo, eu acho que é até errado em mim é que... eu me tranquei mais. Só que:: eu me tranquei mais e, por exemplo, tem coisas como:: ...saudade, por exemplo, eu não sinto saudade de ninguém (Apatia).*

A dificuldade de envolvimento em novas relações e a insegurança com as amizades construídas também estão presentes na experiência de Apatia. Nesse sentido, o receio da ocorrência de novas formas de agressões ou exclusão pode ter contribuído para uma postura de distanciamento social.

*Só que meio que quando eu cheguei aqui eu fiquei passando em vários grupos até encontrar um. Ano passado [risos] que eu fiquei mesmo (...). Eu meio que não gosto, por exemplo, fazer amizade com outra pessoa. E aí essa:: não é que seja má influência, é que toma atitudes que eu não gosto, eu já me afasto mais dele/ dele um pouco, volto (Apatia).*

Os adolescentes Aceitação e Raiva demonstraram que a experiência de *cyberbullying* trouxe interferências em seus desempenhos educacionais, relacionadas à atenção e concentração diante das exigências educativas, levando Aceitação a sentir-se impotente e incapaz e Raiva a se isolar socialmente.

*Mesmo com os problemas eu conseguia ser uma aluna exemplar ainda. Depois disso... eu sinto aquela vontade, mas eu não consigo ter foco nem motivação. Sabe aquela coisa, eu me saboto (...) quando eu tiro um oito numa prova, você pode ter certeza que eu quase MORRO [ênfase] para tirar aquele oito. (...) eu já ali, já acho que não vou mais estudar porque eu não preciso. Porque eu nunca vou tirar nota boa mesmo, então fica aí (Aceitação).*

*E tipo, o próprio estresse do jogo muda/ muda o seu emocional de um ponto que você nem percebe. Tipo você, por exemplo, a sua relação escolar mesmo você... . Tá mais recluso a querer falar com outras pessoas, mais estressado (Raiva).*

Nessa pesquisa, foi possível perceber uma participação limitada dos atores educacionais em intervenções relacionadas ao *cyberbullying*. O receio dos jovens Aceitação e Apatia em buscar suporte na escola parece estar associado a uma crença de que a escola não pode fazer muita coisa a respeito, ou o que é feito é insuficiente para lidar com o problema. Como pode ser visto nas falas a seguir:

*“A coordenadora conversou com ela, chamou a mãe dela aqui, se eu não me engano. Tirou o print/ tirou assim... imprimiu o que as pessoas tinham postado na internet (...) mas não funcionou, porque ela continuou fazendo”* (Aceitação).

*“O pessoal da escola, eles nunca fizeram nada [risos], se percebeu, nunca fizeram nada. (...) e falando sinceramente, questão de palestra não resolve nada. Tiro isso pelo povo da minha sala e tal”* (Apatia).

Estes jovens parecem acreditar mais no papel preventivo da família na educação em valores e na orientação desde a infância sobre o respeito aos outros, a convivência com a diferença e as formas de conduta saudáveis.

*“Eu acho que o mais que tem que ser feito é:: sei lá, essas pessoas que sofrem agressão falar e os pais em si educarem seus filhos a não fazerem isso”* (Apatia).

*“Mas isso:: é uma coisa, assim, que vem de casa, essa/ essa educação, essa coisa, sabe? De você pensar no próximo. Então, se ela não teve em casa não é aqui que ela vai aprender”* (Aceitação).

Mesmo assim, os adolescentes têm sugestões de quais tipos de ações poderiam ser feitas pela escola para prevenir o *bullying* e o *cyberbullying*. Desse modo, abrir espaço para ouvi-los e permitir que atuem como coprodutores de propostas e projetos compatíveis com suas visões de mundo e suas realidades, talvez seja um caminho inicial para efetivamente produzir efeitos significativos sobre a experiência de quem passa pelo problema. Pensando coletivamente, construindo e refletindo juntos, as chances de ações bem sucedidas podem ser ampliadas.

*Peca muito essa questão social aqui na escola. As pessoas/ tanto que aquela palestra lá eu adorei que você fez aqui... eu adorei. Eu/ eu acho que poderia existir mais disso (...) acho que ensinar as pessoas a si colocarem no lugar do outro... porque muitas das vezes a gente não faz isso* (Aceitação).

*Acho que só os professores e coordenação. Que tipo, ficar prestando mais atenção nos alunos e no que acontece. (...) Acho que tipo, tem que ser tomadas providências, os professores fiquem olhando:: o colégio intervir em algumas coisas. Comunicar os pais e tal (Apatia).*

*Tipo, só uma campanha de conscientização já basta. Porque ninguém leva muito a sério esse negócio de é:: do estresse da internet, que você tem durante o jogo. É tipo, é levado como se fosse besteira. Quando você vê de verdade, já é algo... bem significativo (Raiva).*

Vale ainda destacar a compreensão de Apatia sobre sua vivência ao considerar que houve um processo de amadurecimento após o *bullying* e *cyberbullying*. Para ele, a postura de ignorar algumas pessoas e não confiar nelas, além da baixa sensibilidade emocional pode ter contribuído para uma percepção de si mais positiva, julgada como forma de amadurecimento.

*Eu amadureci muito rápido. Em questão... hoje eu já tenho essa cabeça mesmo [risos], mas centrado, mas pra época ...foi:: tipo, tinha brincadeiras que eu já achava muito sem graça, que eu não gostava de brincar, essas coisas. (...) e ver o mundo de/ de um jeito diferente, né?! Porque... por exemplo, eu já fico com um pé atrás com todo mundo. Que é certo né, hoje em dia. Infelizmente tem que ficar com o pé atrás com todo mundo, até parentes (Apatia).*

Outro aspecto relevante a mencionar é que o espaço da entrevista funcionou também como modo de acolhimento e trocas intersubjetivas que parecem ter facilitado a ressignificação de algumas vivências por parte dos participantes. A adolescente Impulsividade, por exemplo, contou que, após a entrevista, conseguiu conversar com a garota da qual havia exposto fotos íntimas na internet e pedir perdão a ela. A participante relata que

se emocionou na ocasião e chorou bastante. Relata que se sentia muito culpada e se envergonhava do que fez. Segundo a adolescente, a vítima também se emocionou e disse que havia superado o ocorrido. Impulsividade demonstrou sentir alívio e culpa ao mesmo tempo, por perceber que a vítima teve que lidar sozinha com toda a experiência. Além disso, firma que pedir perdão foi libertador para o seu processo de mudança e amadurecimento pessoal.

*Eu fiquei normal com F1, mas ela, ela deve sentir alguma coisa, eu tenho certeza. E eu digo que eu tenho que chegar nela e pedir desculpas, porque às vezes é só isso que ela precisa. (...) às vezes, até ela deve ter se culpado pelo que ela fez, sendo que a culpa não é dela (Impulsividade).*

No momento da entrevista, os participantes também tiveram a oportunidade de realizar uma reflexão sobre suas experiências e se perceberem no processo de condução das suas vidas. Os relatos dos adolescentes demonstram mudanças nas formas de pensar, se comportar e se relacionar, desde o início de suas experiências com o *cyberbullying* até o momento atual. Aceitação, por exemplo, apesar de ainda ter como central em sua dinâmica a necessidade de aceitação social, agora parecia refletir sobre isso e analisar criticamente suas atitudes e comportamentos. Houve ainda uma mudança de perspectiva em Raiva, que a partir da experiência, parecia estar progredindo no sentido do autocontrole nos jogos on-line, passando a perceber os oponentes como iguais e merecedores de respeito.

*“Uma necessidade muito grande de ser aceita, mas eu vejo que isso hoje em dia não é necessário... é você ser quem você é” (Aceitação).*

*É só você saber que você não é melhor que ninguém, porque... você quer se destacar entre os outros, ser o melhor, ter o reconhecimento de todo mundo, é só para a questão do seu orgulho, do seu ego. E esse ego só vai te colocar ao ponto que ninguém vai querer mais estar perto de você. Entendeu? O ego vai te colocar longe de todo mundo (...). Mas, com o passar do tempo, eu fui melhorando e hoje em dia eu*

*não tenho mais esse tipo de comportamento. Eu só fico estressado, mas xingar ninguém eu não vou xingar não* (Raiva).

É importante ressaltar que em nossa perspectiva fenomenológica, o ser humano é o seu corpo, e toda relação constituída com o mundo se dá através do corpo. Assim, pensamentos, sentimentos, percepções, ações, estratégias mobilizadas, tudo isso se dá pelo corpo, um corpo que está em contato eminente com outros corpos e é afetado por eles e pelo mundo através da intercorporeidade.

## 6. Discussão

Ao analisar os resultados encontrados neste estudo, sustentamos a ideia de que cada experiência com o fenômeno *cyberbullying* é vivenciada de forma única pelo sujeito, tendo em vista as especificidades de suas percepções e a intensidade das relações que, mesmo no ambiente virtual, acontecem entre corpos que compartilham uma dada realidade. Desse modo, os atores envolvidos na dinâmica da violência on-line, afetam-se mutuamente e provocam, uns aos outros, reações as quais muitas vezes se tornam difícil de lidar, assim como repercussões para a saúde física e psicológica e para as formas de experienciar o mundo.

Na discussão dos resultados, cinco aspectos estão sendo considerados de acordo com compressões apreendidas das experiências dos adolescentes. Tratamos primeiro sobre o panorama geral da violência virtual e do *cyberbullying*, comparando os nossos resultados quantitativos com a literatura da área. Em seguida, discutimos as experiências dos jovens entrevistados com o *cyberbullying*, suas percepções sobre o fenômeno e as estratégias utilizadas para lidar com ele. Passamos então a buscar compreender as emoções envolvidas na experiência e as repercussões para suas formas de perceber e se relacionar com o mundo. Acreditamos ser ainda conveniente dedicar um espaço para refletir sobre a relação entre o *cyberbullying* e o suicídio, pelo fato deste aspecto ter se apresentado como parte da experiência de alguns participantes.

Na tentativa de melhor compreender a complexidade das experiências, utilizamos como base teórica conceitos Fenomenologia em nossa discussão. Por fim, apresentamos algumas provocações sobre o papel da escola, da família e da comunidade na prevenção e intervenção diante do *cyberbullying* para que, compreendendo a experiência de pessoas que sentem na pele os efeitos do fenômeno, possamos caminhar no sentido da criação de formas práticas e eficazes de suporte e ajuda.

### 6.1. *Compreendendo o contexto: a violência virtual e o cyberbullying*

Um aspecto a ser mencionado em relação ao uso das TICs pelos jovens é a mudança contínua dos aplicativos e *sites* utilizados, assim como a frequência de uso. Nesta pesquisa, chamou atenção o acesso acima de cinco horas diárias ao WhatsApp por 24% dos participantes; ao aplicativo Instagram e site You Tube (15%); e a jogos (11%), além do uso entre três e cinco horas por dia da rede social Facebook (22%). A pesquisa de Rincón Rueda e Ávila Díaz (2014) demonstra resultados diferentes. Para eles, o Facebook (58,74%) apareceu como a rede social mais usada pelos jovens, seguidos do Twitter (18,20%), que aparece muito pouco em nossa pesquisa, WhatsApp (5,58%), Instagram (3,64%) e You Tube (2,91%). Sobre o tempo consumido em atividade on-line, Henriques e Toledo (2014) contribuem ao mostrar aumento de 118%, entre 2012 e 2013, no uso de redes sociais por crianças e adolescentes, passando de 4,3 milhões para 9,4 milhões e mais de 18 horas mensais conectados. Para eles, a tendência é de que esses números continuem crescendo.

Diante da possibilidade de aumento do tempo despendido on-line pelos jovens, pode-se pensar em algumas estratégias a serem desenvolvidas na educação para as tecnologias, visando à redução dos riscos na atividade on-line. Para Guzzi (2014), o crescimento do acesso às redes sociais pelas crianças e adolescentes constitui um indício de maior vulnerabilidade aos riscos das atividades on-line. Assim, essa autora dá algumas dicas de prevenção de riscos on-line como a ativação do Safe Search no Google, o acesso a ONG Safer Net, que ministra cursos e campanhas de prevenção de riscos e recebe denúncias de páginas suspeitas de aliciamento ou exposição de crianças e adolescentes.

No que diz respeito às ferramentas de proteção on-line, apesar da maior parte dos participantes (80%) conhecerem bem os mecanismos de proteção, levanta-se o questionamento sobre a efetividade da utilização destes, pois conhecer um processo é

diferente de utilizá-lo de forma preventiva e estratégica. Assim, esses adolescentes demonstram utilizar alguns mecanismos de proteção, como não abrir links ou anexos de pessoas desconhecidas e não partilhar informações pessoais com elas (63%), mas não outros, como contatar o servidor quando é perseguido on-line (2%). Uma pesquisa de Campos (2009) verificou que os agressores eram os que mais conheciam as estratégias de proteção on-line e as utilizavam para garantir o anonimato dos atos. Em nossa pesquisa não foi possível identificar essa diferenciação, tendo em vista que a maior parte dos jovens estavam envolvidos ao mesmo tempo como vítimas (39%) e agressores (26%) nas manifestações de *cyberbullying*.

A incidência de agressões on-line encontrada nesta pesquisa foi maior do que o relatado na literatura, o que nos leva a pensar que existem aspectos na dinâmica das relações interpessoais dos jovens na escola estudada os quais podem favorecer a ocorrência de *cyberbullying*. Outras pesquisas, como a de Rincón Rueda e Ávila Díaz (2014), mostraram que 11,83% dos participantes sofreram assédios, ameaças ou continuação de agressões presenciais. Dados semelhantes são vistos em Varela, Pérez, Schwaderer, Astudillo e Lecannelier (2014), em que 11,4% relataram ser vítimas no ciberespaço. Números maiores foram encontrados por Prieto, Carrillo e Lucio (2015), para os quais entre 20 % e 40 % foram vítimas de violência habitual e, por Navarro e Yubero (2012), que identificaram 27,95% de vítimas de *cyberbullying*.

Considera-se que outros aspectos, além da lógica e racionalidade, interferem na forma como os jovens se relacionam on-line. Mesmo conhecendo a importância da proteção, se certos mecanismos forem vistos pelo grupo como desnecessários, o jovem pode negligenciar alguns cuidados, ou se expor na internet de modo inseguro, seja por incentivo dos pares ou busca de visibilidade e reconhecimento social. Como afirma Bauman (2004), a maioria das inovações tecnológicas encurtam distâncias entre impulso e satisfação, porém, ao mesmo

tempo, tornam as relações mais superficiais. Assim, em um movimento de transformações rápidas e contínuas, os jovens pouco orientados podem se envolver em diferentes situações de exposição pela necessidade de satisfação imediata e construção de vínculos.

Nesta pesquisa, as ferramentas mais relatadas pelos jovens para intimidações on-line foram o Facebook (61%) e o WhatsApp (33%), o que parece estar de acordo com a literatura, tendo em vista serem dois meios de comunicação on-line bastante utilizados no Brasil. A pesquisa de Souza (2016), por exemplo, encontrou resultados semelhantes ao comparar a incidência de *cyberbullying* no Brasil e em Portugal, pois 65,9% dos casos de *cyberbullying* ocorriam pelo Facebook, seguidos de 24,8% pelo WhatsApp. Menay-López e Fuente-Mella (2014) também apontam nesta direção ao evidenciarem como plataforma de comunicação mais utilizada para o *cyberbullying* o Facebook, com a diferença de que alunos de nível socioeconômico médio utilizam como ferramenta de acesso telefones celulares e computadores, enquanto alunos de nível socioeconômico alto fazem isso por meio de notebooks, iPads e smartphones.

Nesta pesquisa, um número considerável de adolescentes identificou seus agressores, o que pode estar relacionado ao *cyberbullying* como continuidade de agressões presenciais ocorridas na escola, como demonstra a literatura. Santander (2013) e Amemiya et al (2013), por exemplo, demonstram que a maioria dos ataques on-line ocorrem entre os mesmos alunos, pois mesmo havendo anonimato dos agressores na internet, geralmente os atores envolvidos se conhecem, de modo que o *cyberbullying* ocorre principalmente entre amigos, antigos amigos ou colegas, mas é incomum entre estranhos. Por isso, segundo Prieto, Carrillo e Lucio (2015), o *cyberbullying* pode ser até mais grave do que o *bullying* tradicional.

Em relação às estratégias das vítimas para lidar com as agressões on-line, esta pesquisa demonstrou, prioritariamente, o uso de estratégias de evitamento como chorar (39%) e não reagir (28%), seguido de estratégia de confronto como realizar (22%) e planejar (17%)

vingança. Observa-se que essas formas de lidar com o *cyberbullying* são bastante solitárias, sendo feitas de maneira isolada pelo sujeito da experiência que parece encontrar dificuldade em solicitar e conseguir apoio em seu meio social. Essas estratégias individuais podem ser insuficientes para cessar com as agressões de maneira imediata. Desse modo, considera-se a relevância de desenvolver nos jovens habilidades sociais e coletivas mais eficazes para enfrentar as agressões on-line, tanto no sentido da prevenção como em intervenções resolutivas diante de intimidações já em andamento.

Souza, Veiga Simão e Caetano (2014) demonstram que estratégias como fazer frente ao fato, contatar as autoridades policiais, procurar ajuda de alguém de confiança e pedir ajuda aos amigos, funcionam como importantes mecanismos e devem ser usadas pelas vítimas no contexto off-line. Esses autores chamam atenção ainda para a necessidade de utilização dos mecanismos de proteção on-line como excluir os agressores das redes sociais e contatar os gestores do site ou rede social. Nesse sentido, considera-se a necessidade de criação de estratégias coletivas, envolvendo múltiplos atores como escola, família, saúde, segurança e sociedade em geral, como caminho diante da complexidade da nossa cibercultura.

No que diz respeito às repercussões emocionais das vivências de *cyberbullying*, os resultados identificaram, principalmente, aspectos psicológicos (91%) e sociais (64%), que puderam ser aprofundados com os participantes nas entrevistas. Confrontando com a literatura, observa-se que esses fatores são também observados por autores como Prieto et al, (2015), os quais mostraram que, além do medo, existe desconfiança e paranoia, pelo menos na população estudada, enquanto García-Maldonado et al (2012) encontraram 13% das vítimas apresentando medo dos agressores. Rincón Rueda e Ávila Díaz (2014) também abordaram o temor dos jovens em expressar qualquer evidência de ataque. Além disso, Azevedo, Miranda e Souza (2012) indicaram que as vítimas, expostas a situações de humilhações e agressões psíquicas ou físicas, podem adquirir vários transtornos, entre eles: baixa autoestima,

depressão, ideações/comportamentos suicidas, entre outros, além de poderem manifestar violência ao agressor ou a outras pessoas do meio social. Esses e outros aspectos serão discutidos a seguir considerando uma compreensão fenomenológica da experiência dos adolescentes com o *cyberbullying*.

## 6.2. *Lutando sozinho na multidão: lidando com as experiências de cyberbullying*

O *cyberbullying* é um fenômeno complexo e multifacetado. A experiência dos jovens com esse fenômeno é perpassada por um esforço interno em atribuir sentido ao mundo e as vivências por meio da intercorporeidade. Importante lembrar, como já discorrido no capítulo teórico, a intercorporeidade, na filosofia de Merleau-Ponty, diz respeito à compreensão do sujeito não apenas como consciência, mas também como corpo em relação intersubjetiva. Esse conceito se diferencia da compreensão husserliana de intersubjetividade por superar o dualismo consciência-corpo ao entrar em contato com a experiência do outro. Para Merleau-Ponty, o corpo é matéria sensível ao mundo que pertence tanto quanto a própria consciência a dimensão que conhecemos como subjetividade. O corpo é carne, somos ao mesmo tempo sujeito e objeto, ou seja, sujeitos carnis (Merleau-Ponty, 1960/1991).

Nesse contexto, o sujeito da percepção está sempre em contato com o mundo, experimenta outras consciências e reage a elas, buscando formas de elaboração no contato do corpo com o mundo. Entre os jovens pesquisados, os jovens apresentam momentos de maior foco em suas próprias dores, e outros em que se permitem abrir para a percepção a dor do outro. Assim, desenvolvem estratégias prioritariamente individuais para lidarem com as manifestações de violência on-line.

As estratégias de enfrentamento são compreendidas por Castillo (2010) como manejo de esforços para lidar com demandas específicas, em aspectos cognitivos ou

comportamentais. Nesse sentido, elas atuam sobre as situações e os significados percebidos pelos sujeitos da experiência. Entre os jovens que participaram da entrevista, os resultados mostraram que em suas vivências, as estratégias consolidadas para a elaboração dos acontecimentos foram principalmente de evitamento, adaptação, confronto, ruptura e em menor grau diálogo, proteção on-line, prevenção e ajuda a outras vítimas. Tais estratégias foram compreendidas como limitadas e insuficientes para lidar com o fenômeno, uma vez que mecanismos mais complexos e de ordem coletiva, ou seja, que envolvessem outros atores sociais como escola, família, amigos ou comunidade deixaram de ser acionados.

Pedir ajuda a familiares, à equipe da escola ou profissionais de saúde foi pouco considerado pelos estudantes e até mesmo pedir ajuda de amigos próximos se mostrou difícil para eles, de modo que encontram barreiras na percepção do olhar do outro sobre sua experiência. Essa dificuldade emergiu especialmente em Apatia e Aceitação, para os quais o julgamento do outro parece mostrar-se potencialmente paralisador, pois a dor que emerge em suas experiências parecem paralisar ou reduzir as possibilidades de ação e enfrentamento do fenômeno da violência. Como afirma Henry (apud Martins, 2008), a dor não é apenas sensorial, mas é habitada pela afetividade, um sujeito que é sua própria dor, diante da qual sentidos e intencionalidades se tornam secundários e limitantes.

Pesquisas como as de Campbell (2005) já constatavam dificuldades nas vítimas em enfrentar as agressões on-line, ao identificar que os jovens por ele investigados não denunciaram seus agressores por acharem que os adultos não acreditariam ou banalizariam suas queixas, julgando-as como ‘brincadeira’ ou ‘sem importância’. Aricak et al (2008) também concluem que apenas 25% dos jovens que sofrem *cyberbullying* por eles investigados conversam com os pais ou com amigos sobre os acontecimentos e, destes, apenas 30,6% alcançam alguma solução para a situação.

Esses aspectos nos fazem pensar na importância de compartilhar as experiências de violência com pessoas para lograr êxito, tanto na elaboração na vivência como na construção de estratégias de enfrentamento mais resolutivas. Aceitação e Apatia reconhecem isso mais tarde ao refletirem sobre como suas histórias poderiam ter sido diferentes caso tivessem buscado fontes de ajuda mais eficazes. As poucas tentativas pedido de ajuda de Aceitação, não tiveram efeito significativo, o que a fez não busca-la na maior parte do tempo. Os participantes relatam acreditar que o isolamento não é positivo e, quando estimulados a aconselhar pessoas que possam passar por situações semelhantes, enfatizaram a necessidade de buscar ajuda e suporte social para conseguirem efetivamente cessar as agressões e lidar com as emoções associadas.

Shariff (2011) aborda que, entre os principais fatores que levam os jovens a não compartilharem suas experiências com terceiros, existe a percepção negativa sobre as consequências que isso possa ter; há, também, a crença de que os professores não podem fazer nada a respeito e o medo do aumento das intimidações e de ter o uso da internet restrito pelos pais. Um estudo realizado por Li, Cross e Smith (2012) demonstrou que 45% dos jovens que contaram a um adulto que sofriam *cyberbullying* relataram que as agressões pioraram após a denúncia. Um resultado diferente é demonstrado por João, João e Portadela (2011), os quais encontraram, entre os jovens pesquisados, que 93,8% das vítimas de *cyberbullying* apresentavam necessidade de compartilhar as agressões sofridas e 55,3% deles o faziam com pessoas amigas.

Entre as estratégias de pedido de ajuda que os jovens conseguiram mobilizar, destaca-se o suporte da religiosidade, presente nas experiências de Aceitação e Impulsividade, o qual parece ter lhes auxiliado na elaboração da experiência e na atribuição de um novo significado às percepções das relações com o outro, que a médio e longo prazos parecem contribuir para enfrentar o problema. Apesar da religiosidade não ter por si só sido suficiente para acabar

com as agressões sofridas por Apatia e realizadas por Impulsividade, esse fator ocupa um papel importante na construção de sentido de ambas e na posterior mudança de atitude, comportamentos e valores.

Aqui cabe uma diferenciação entre religiosidade e espiritualidade, pois a primeira tem a ver com características de determinados grupos que compartilham comportamentos, símbolos, valores prescritos por suas culturas religiosas, já a espiritualidade pode ser entendida, segundo afirma Silva (2016, p. 10), como “um conjunto de valores éticos concebidos através de uma busca relativamente autônoma do sujeito. A espiritualidade trata-se de algo que fornece sentido à vida do sujeito”. Esses conceitos nos fazem pensar que as culturas religiosas com as quais as alunas se identificaram, evangélica no caso de Aceitação e espírita no caso de Impulsividade, contribuíram para o desenvolvimento de comportamentos e valores para lidarem com suas experiências.

No que diz respeito às estratégias de confronto dos adolescentes desta pesquisa, diante da percepção de atitudes e comportamentos agressivos pelos pares no ambiente virtual, compreende-se que com maior ou menor intensidade, os participantes confrontaram seus agressores em algum momento da experiência, seja de forma mais agressiva em espécies de lutas on-line, seja na tentativa de estabelecer diálogo direto e claro. Sobre esse assunto, é importante destacar que apesar dos alunos avaliarem como inadequado se vingar ou responder às agressões da mesma forma, nas suas experiências acabam fazendo isso, o que lhes coloca na posição de vítima e agressores simultaneamente.

Tal aspecto é explicado por Erdur-Baker (2015) pelo fato de que, no ambiente virtual, há maior sensação de liberdade e menor inibição de suas emoções, de modo que os jovens podem se sentir mais a vontade para revidar as agressões do que em outras formas de violência. Os aspectos relacionados às estratégias de confronto com os agressores através do modo de revidar as agressões sofridas inicialmente são pouco exploradas, o que pode estar

relacionado ao efeito da desajustabilidade social, no qual os participantes tendem a responder aquilo que acreditam ser julgado pelo pesquisador como socialmente correto. Assim, parecem tender a não mencionar seus próprios comportamentos agressivos.

A pesquisa de Souza, Veiga, Simão e Caitano (2014), por exemplo, demonstra essa avaliação negativa dos jovens sobre atitudes de confronto aos agressores, pois apenas 2,54% deles responderam que as vítimas deveriam confrontar os agressores, enquanto avaliaram como comportamentos mais adequados contatar uma autoridade policial (41,5%) e pedir ajuda a alguém de confiança (35,5%). Na pesquisa de García-Maldonado et al (2012), apenas 1,3% de sua amostra reconheceu ser ao mesmo tempo vítima e agressor no ciberespaço.

Em nossa pesquisa, houve um índice considerável de pessoas que assumiram suas atitudes e comportamentos enquanto agressores. É possível que a abertura dos jovens para falar sobre suas ações enquanto agressores tenha sido facilitada pelo tipo de relação constituída entre a pesquisadora e os adolescentes, de modo que o vínculo já estabelecido enquanto funcionária da instituição, associada à atitude de abertura para a escuta fenomenológica, parece ter contribuído para emergência de falas autênticas. Aqui, compreendemos escuta fenomenológica como um veículo de contato com o outro e de desenvolvimento de sentidos e significados na experiência compartilhada. A escuta envolve os sujeitos com todas as suas bagagens existenciais e, na relação com o outro, é possível reconhecê-lo como distinto de um objeto (Abreu & Pedron, 2011). Nesse contexto, a postura da pesquisadora não é neutra, mas de consideração da experiência e facilitação da produção de sentidos dos sujeitos, através da intercorporeidade.

No que se refere às estratégias on-line para lidar com as agressões, o participante Raiva demonstrou ser o que mais conhecia e usava mecanismos de proteção on-line. Em sua experiência com os jogos on-line, romper contato com possíveis agressores torna-se uma forma de prevenir ou cessar eventos estressores. Na pesquisa de Rondina, Moura e Carvalho

(2016), as estratégias on-line de ruptura são pouco consideradas pelos participantes, sendo as estratégias off-line e vinculadas às dimensões sociais e psicossociais aquelas vistas como mais relevantes. Já a pesquisa de Campos (2009) encontrou uma relação moderada entre o tempo despendido on-line, o uso de estratégias de segurança on-line e o fato de ser *cyberbully*.

Se pensarmos que jovens como Raiva tendem a passar bastante tempo on-line em jogos, e considerando as características presentes nos jogos como competitividade, pressões e agressividade, a postura de Raiva – enquanto vítima e agressor – parece estar relacionada a suas percepções enquanto sujeito das trocas interativas no ambiente virtual, que afetam sua experiência e o fazem responder ao mundo de formas próprias, em um movimento de construções de sentidos, que inicialmente se reduziam ao impulso de revidar as agressões, mas puderam ser transformadas no campo da experiência e elaboradas em estratégias de ruptura e percepção de si e do outro, que juntos compartilham uma mesma intercorporeidade. Rondina, Moura e Carvalho (2016) consideram como válidas estratégias de ruptura face aos agressores, evitando o envolvimento, o incentivo ou mesmo ignorando as provocações.

As estratégias de suporte e ajuda a vítimas, utilizadas especialmente por Impulsividade também aparecem no estudo de Rondina, Moura e Carvalho (2016) como relevante. Porém, os modos pelos quais a adolescente confrontava o fenômeno, por vezes, acabava fazendo dela também agressora. Agredindo o agressor, a jovem ocupava o papel dele e, como num espelho onde apenas enxergava um reflexo dos acontecimentos, parecia julgar sua postura como mais adequada. Por outro lado, o que aparece na literatura como positivo, são atitudes de ajuda direta como ouvir, dialogar, não recriminar e de ajuda indireta como facilitar a construção de uma rede de apoio incluindo profissionais, familiares e amigos, assim como dar suporte para a execução das medidas necessárias (Rondina, Moura & Carvalho, 2016).

Tendo em vista a construção de sentidos dos sujeitos da pesquisa e suas formas de lidar com o mundo, considera-se que mesmo que as estratégias utilizadas por eles tenham permitido a continuidade das intimidações on-line por um longo período de tempo, tais mecanismos refletem as percepções possíveis em um dado momento, que se transformam e se complexificam no campo da experiência. Rincón Rueda e Ávila Díaz (2014) nos trazem algumas sugestões no sentido do enfrentamento saudável ao *cyberbullying*, mas que não esgotam as possibilidades. São elas: não responder a ameaças ou ataques; não publicar fotos comprometedoras de amigos, conhecidos ou mesmo desconhecidos; denunciar os casos de *cyberbullying*; manter cópias de mensagens agressivas e registro de atividades; controlar as informações on-line; personalizar as publicações; e configurar as marcações. Diante do exposto, considera-se que para pensar em ações coletivas parece ser necessário conhecer a experiência daqueles que passam pelo *cyberbullying*, sejam vítimas, agressores ou ambos, assim como os meios por eles já utilizados para enfrentar o fenômeno, para então mobilizar os atores sociais em direção a ações articuladas, sejam on-line ou off-line.

### *6.3. Emoções que aprisionam e adoecem: o campo da experiência no cyberbullying.*

O campo da experiência dos adolescentes pesquisados envolve formas específicas de perceber o mundo e o outro quando estes parecem aprisionar em um ciclo de violência, gerando riscos de adoecimento psíquico diante do sofrimento e da dor que marcam o fenômeno *cyberbullying*. O que já vinha sendo apontado, em parte, na literatura, agora, a partir das experiências desses jovens, pode ser destrinchado e aprofundado, revelando emoções, sentimentos e percepções sentidas no corpo e vividas de forma única por cada sujeito. No movimento de mudanças contínuas ao longo do processo, eles transformam a si

mesmos e suas formas de enfrentar a violência, ocupando papéis diferentes e levando marcas do que viveram.

Entre os sentimentos e emoções presentes no campo da experiência dos participantes Aceitação, Raiva, Impulsividade e Apatia destacaram-se a ocorrência de irritabilidade, estresse, raiva, prazer no sofrimento do outro, tristeza, sensação de inutilidade e exclusão, vergonha, medo, culpa, ansiedade e frustração. É interessante perceber como, apesar de haver aspectos em comum na experiência desses jovens, as formas pelas quais se manifestaram e os sentidos que ocupam nas vivências se modificam em função das compreensões que fazem de suas experiências. Assim, esses adolescentes parecem apreender o mundo de tal forma que as marcas deixadas pelo fenômeno *cyberbullying* têm sido, em geral, dolorosas e potencialmente adoecedoras.

Na experiência resgatada pelo adolescente Apatia, ele demonstrou presença do medo como fator angustiante que parece ter paralisado suas possibilidades de ação, uma vez que mesmo em uma nova cidade, na companhia de outras pessoas, temia que as agressões se repetissem e, por isso, teve dificuldades em fazer novos amigos. Porém, essa mesma emoção foi experienciada por Aceitação como aspecto também doloroso e angustiante, mas no contato com o outro, os sentidos apreendidos são de rejeição social e julgamento de valor. O olhar do outro sobre ela parecia algo aterrorizante por associar-se a uma conotação negativa. Já na experiência de Impulsividade, o medo aparece como algo focal, especificamente relacionado à violência física, em certo sentido mais passível de controle, uma vez que para evitá-la, bastava manter-se distante do agressor. Na Experiência de Raiva, não foi possível identificar emoções de medo.

Na literatura sobre *cyberbullying*, o medo aparece associado às agressões, impedindo as vítimas de fazerem denúncias ou procurar ajuda de terceiros. Em nossa pesquisa, isso pode ser visto nos relatos de Aceitação e Apatia. Prieto et al, (2015), por exemplo, demonstraram

que além do medo, existem desconfiança e paranoia em relação ao acesso e à alteração por parte do agressor de conteúdos pessoais através do roubo de senhas, o que não pode ser constatado em nossa pesquisa. García-Maldonado et al. (2012), por sua vez, constataram que 13% das cibervítimas têm medo dos cyberagressores. O medo também aparece nos estudos de Rincón Rueda e Ávila Díaz (2014) e Gualdo, et al (2015) como um aspecto subjetivo da experiência com o *cyberbullying* que leva os jovens a evitarem expressar qualquer evidência de ataque. Nesse sentido, por trás das estratégias de evitamento utilizadas por Aceitação e Apatia, pode estar o medo, que os impedia de compartilhar com família e amigos o que estava acontecendo.

A subjetividade encarnada dos adolescentes diante do *cyberbullying* é perpassada por um emaranho de ideias, emoções, percepções que se misturam e se transformam a cada novo acontecimento, a cada nova oportunidade de reflexão e elaboração da experiência. Os sentimentos de tristeza, as percepções de inutilidade e exclusão são exemplos desse movimento. Os participantes Aceitação, Impulsividade e Apatia demonstraram nas formas como percebem a si mesmos na relação com o mundo e com o outro as repercussões das agressões on-line. Estivessem eles na posição de vítima ou agressor, esses sentimentos parecem ter regulado seus estados emocionais e as atitudes e comportamentos diante do fenômeno.

Vale destacar, ainda no caso de Apatia, o desenvolvimento de uma postura de ignorar as agressões na tentativa de minimizar sua dor e sofrimento. Esse aspecto é relatado na literatura por Bottino, Bottino, Regina, Correia e Ribeiro (2015) como estratégias de resiliência adaptativa, que reduz os danos emocionais. Porém, questionamo-nos se, no caso de Apatia, esse dano possa ter sido apenas redirecionado para o social, uma vez que, a partir de então, passou a ter dificuldade em expressar até mesmo por pessoas próximas, como familiares.

Em nosso estudo, evidencia-se que mesmo quando ocuparam papéis de agressores, os jovens puderam também sentir tristeza, exclusão, vergonha e até mesmo culpa pelas suas ações, especialmente quando possibilitados a refletir sobre suas atitudes e as repercussões de suas ações para com o outro. Na literatura, encontramos resultados diferentes no sentido de que, em geral, a tristeza e a rejeição são mais comumente atribuídas às emoções das vítimas, como demonstra Gualdo et al, (2015). De forma semelhante, Caetano, Freire, Veiga Simão, Martins e Pessoa (2016) também relataram a tristeza como prioritário nas vítimas, mas acrescentaram também a vontade de vingança, a raiva e o medo como aspectos frequentes.

Ainda sobre o papel enquanto agressor na experiência, a existência de irritabilidade, estresse, raiva e até mesmo prazer no sofrimento do outro, aparecem em diferentes momentos nas falas dos sujeitos Aceitação, Raiva e Impulsividade. É interessante mencionar as especificidades das percepções vivenciadas em jogos on-line, pois no campo da experiência do adolescente Raiva, as atitudes e os comportamentos agressivos nos jogos são vistos como naturais e até mesmo esperados, de modo que a violência parece ser compartilhada e validada pelo grupo por meio de xingamentos, depreciação da imagem do outro, hostilidade entre os personagens do jogo.

Considerando que na experiência desses jovens há uma perpetuação da violência em constantes trocas de papéis entre vítimas e agressores, as agressões on-line ocorrem muitas vezes como reações a outras sofridas anteriormente, as quais parecem ser mobilizadas em grande parte pelo aumento do nível de estresse e raiva na interação entre esses jovens. Bottino, et al (2015) demonstraram o aumento dos níveis de estresse emocional e raiva entre os atores envolvidos com o *cyberbullying*. Para esses autores, o *cyberbullying* na adolescência aumenta os sintomas de estresse emocional, especialmente quando há contato off-line com o agressor.

O prazer com o sofrimento do outro também pode ser visto nos relatos dos participantes quando evocam risadas e piadas diante de ações que diminuem o outro, constrangem-no, ou ainda pela satisfação e sensação de poder, ao se vingarem de agressões anteriores. No estudo realizado por Caetano, et al (2016), foi observado que a satisfação (32,6%), a indiferença (28%) e o alívio (26,5%) foram os sentimentos mais vivenciados pelos agressores, o que para eles é considerado indicativo da dificuldade dos agressores em sentir empatia pelas vítimas. Porém, vale destacar que essa mesma pesquisa encontrou níveis de arrependimento em 13,6% dos participantes e de culpa em 10,6% deles. Nessa direção, em nossa pesquisa, foi possível constatar nos relatos dos jovens momentos de aproximação e distanciamento da perspectiva do outro, de modo que, após a experiência com o *cyberbullying*, eles puderam refletir e ressignificar suas experiências, inclusive enquanto agressores, havendo mudanças nos modos de pensar e agir, abrindo espaço para a emergência de sentimentos como culpa e arrependimento.

Outro aspecto interessante a ser mencionado na experiência dos jovens é o nível de tensão e de alguns sinais ansiosos apresentados por eles, de modo que no relato de Aceitação e Raiva o aumento da ansiedade é presentificada em um sujeito que reage às condições ambientais e sinaliza que algo não está bem. Assim, enquanto Raiva demonstra agitação psicomotora e irritabilidade diante das pressões dos jogos on-line, Aceitação relatou que em diferentes momentos da sua experiência, apresentou crises emocionais com sintomas físicos como taquicardia, tremores e falta de ar em situações as quais julgou ameaçadoras. Sobre esse aspecto, vários estudos têm apontado o risco de desenvolvimento de psicopatologias associadas ao *cyberbullying*, entre as quais se destaca a ocorrência de estresse, ansiedade, depressão e ideação suicida (Campbell, 2007; Arıcak, 2009; Schenk & Fremouw, 2012).

No mesmo sentido, João, João e Portelada (2011) demonstram a incidência de choro (71,4%), ansiedade (57,1%), dificuldade de concentração (57,1%) e pesadelos (57,1%) entre

os jovens envolvidos com o *cyberbullying*. Além disso, as vítimas, expostas a situações de humilhações e agressões psíquicas ou físicas, podem manifestar violência ao agressor ou a outras pessoas do meio social (Azevedo, Miranda & Souza, 2012). Em nossa pesquisa, a oscilação entre papéis de vítimas-agressores demonstra vítimas ativas que se tornam agressoras na tentativa de não mais serem intimidadas.

Aqui, é interessante ressaltar a impressão da pesquisadora sobre os relatos dos jovens, uma vez que – a partir de quando tomam uma postura ativa e passam também a intimidar on-line, sejam os seus próprios agressores ou outras vítimas – parece feito com que eles se lançassem ao mundo de forma diferente, como se os sentimentos e as dores enquanto vítimas, pudessem ser camuflados pela sensação de poder e a visibilidade social que adquire o agressor. Aceitação, por exemplo, reconhece que, a partir do momento no qual se sentiu aceita, começou a agredir outras pessoas, pois houve um incentivo social para isso. Já Impulsividade e Raiva, enquanto agressores, tiveram a última palavra em lutas on-line, tanto nas redes sociais como em jogos. O prazer nesse caso seria gerado não apenas pelo ato de humilhar o outro, mas também pela sensação de superioridade e poder envolvido.

Diante de todos esses aspectos, consideramos que a experiência com o *cyberbullying* pode trazer para o sujeito riscos potenciais à manutenção da saúde e do bem-estar. Porém, é preciso considerar que fatores subjetivos parecem influenciar na afetação de sujeito com o mundo, de modo a experienciar o fenômeno de forma mais ou menos protetiva em relação à saúde mental. Entre os participantes da nossa pesquisa, apenas Aceitação mencionou o interesse e o reconhecimento da necessidade de receber suporte por parte de um profissional de saúde para lidar com as repercussões biopsicossociais de sua experiência. Impulsividade chega a sugerir cuidado em saúde para quem sofre agressões, mas não deixa clara a intenção em buscar esse tipo de ajuda. Apatia e Raiva não demonstraram interesse em cuidados em

saúde. Uma pesquisa de Went e Lisboa (2013) demonstrou essa dificuldade no fato de 25% das vítimas de *cyberbullying* não buscarem acompanhamento por profissional de saúde.

#### 6.4. *Quando parece que não há mais saída: considerações sobre o cyberbullying e o suicídio*

O que leva uma pessoa a sentir uma dor tão profunda que, na ausência de outras possibilidades perceptíveis, cogita a própria morte como forma de encontrar paz? O suicídio é um fenômeno complexo, multifacetado e de difícil compreensão. Muitos são os julgamentos sociais e paradigmas em torno dele. Muitos são também os mitos e as especulações diante da morte de si. Uma vasta literatura tem-se dedicado à compreensão do fenômeno e, ainda assim, há muito o que não se sabe.

Associar dois fenômenos tão complexos quanto o suicídio e o *cyberbullying* torna-se uma tarefa ainda mais difícil. Olweus (1997), em seus estudos sobre *bullying* já identificava que para algumas vítimas o suicídio aparecia como a única possibilidade de solução do problema. Quando se parte para nível das intimidações virtuais, a lógica não parece ser muito diferente, uma vez que, em boa parte, o *cyberbullying* ocorre como uma continuação das agressões presenciais e envolve fatores de risco para o bem-estar psicológico.

Neste estudo, evidências de pensamentos recorrentes associados à morte de si mesmo, caracterizando ideação suicida, podem ser vistos nos relatos dos participantes Aceitação e Apatia. Em um determinado ponto de suas experiências com o *cyberbullying*, a dor, a angústia e a ausência de suporte para lidar com as agressões on-line e presenciais os fizeram considerar a morte como forma de cessar permanentemente o sofrimento. Santander (2013) afirma que o *cyberbullying* é frequentemente associado ao suicídio de adolescentes, mas considera que ele raramente é o único fator identificado como causa. Nesse sentido, é difícil fazer uma relação direta entre *cyberbullying* e suicídio, uma vez que outros aspectos da

dinâmica pessoal do sujeito, como história de vida, aspectos ambientais e socioculturais, personalidade e existência de psicopatologia anterior, serão importantes na avaliação de risco do suicídio (Botega, 2015).

O que chama atenção em nosso estudo é o fato de os participantes que apresentaram ideação suicida serem aqueles que tiveram uma postura mais passiva diante das agressões e não contaram com suporte social para solucionar o problema. Assim, Aceitação e Apatia demonstram necessidade de se sentirem aceitos e incluídos nos grupos e, mesmo tentando se adaptarem às normas e padrões, sentiam-se deslocados, excluídos e pouco considerados nas relações sociais. Kleiman, Riskind e Schaefer (2014) colaboram ao argumentar sobre a importância do apoio social no *cyberbullying*, que pode funcionar como um fator de proteção ao suicídio, uma vez que fortalecem os sentimentos de pertença nos jovens, que estão negativamente associados ao risco de suicídio.

Em nossa pesquisa, diante das humilhações e exposições no ambiente virtual por um longo período de tempo e da resistência em buscar suporte para lidar com o problema, o suicídio parece surgir como possibilidade de reação a uma dor psíquica que naquele momento da existência parecia insuportável. Botega (2015) acredita que o suicídio envolve um drama pessoal que se movimenta em um palco de relações interpessoais em um ambiente social, político e cultural. A construção de sentidos feita pelo sujeito para a sua própria existência, assim como suas formas de perceber a si mesmo e ao outro, seu lugar no mundo e sua função social, pode influenciar no posicionamento em relação à vida.

Nos estudos de Souza, Veiga Simão e Caetano (2014), 18,6% dos jovens de sua amostra apresentaram sofrimento intenso enquanto vítimas, e 3,3% relatam sobre suicídio. A intencionalidade suicida, ou seja, a força do desejo de morrer, emerge em atos como pegar um objeto potencialmente letal, como a faca – relatada nas falas dos adolescentes – e apontá-la para si mesmo, cogitar se jogar de uma ponte ou pular da janela de um prédio.

A reflexão em torno da vida e do seu sentido se faz presente frequentemente na experiência desses jovens, colocando-os em um estado mental de conflito chamado de ambivalência, definida como uma luta interna entre o desejo de sair da dor, através da morte, e ao mesmo tempo de viver e encontrar felicidade (Bertelone, 2000). Na experiência de Aceitação e Apatia, a ambivalência mostrou-se presente. Os sentimentos associados ao *cyberbullying* parecem ter contribuído para desejarem a morte diversas vezes. Para Aceitação, o gatilho para sair desse ciclo foi o pensar na família, especialmente nos pais. Imaginar a tristeza que poderia causar para eles parecia impedi-la de concretizar seu ato. Assim, mesmo não buscando apoio e não compartilhando seus sentimentos com os pais, o vínculo e afeto com eles interferiram em sua experiência, reduzindo com o tempo os riscos de comportamento suicida.

Já para Apatia, as coisas ocorreram de um modo diferente, pois para se proteger da dor, parece ter reduzido sua sensibilidade afetiva, de modo que, quando pensava na sua própria morte, não se questionava sobre como isso repercutiria em seus familiares ou no ambiente social. A dor e a tristeza pareciam seu único foco. Assim, no caso dele, a dessensibilização da dor talvez tenha sido o mecanismo que encontrou para não morrer. Porém, o preço para isso foi o de generalizar a apatia para outros contextos e não mais se afetar ou se permitir sentir uma série de emoções. Parece terem ocorrido assim, um maior nível de rigidez cognitiva e o uso de estratégias internas mais limitantes como forma de lidar com o *cyberbullying*.

Nesse contexto, é notável a incidência de riscos de suicídio entre os jovens, especialmente quando, junto a outros fatores da existência, articulam-se experiências de violência, como o *cyberbullying*. Uma pesquisa inglesa, por exemplo, demonstrou que 24 milhões de jovens cometem suicídio todos os anos naquele país; e que, a cada 10 deles, 7 estão relacionados a algum tipo de intimidação, seja verbal, física ou por meio das TICs (Cross, Piggin, Douglas & Von kaenel-Falitt, 2012). No Brasil, as estatísticas de suicídio

entre os jovens têm crescido, porém, observa-se que os comportamentos suicidas são mais comuns entre os adultos, enquanto nos adolescentes as taxas mais altas se referem aos pensamentos e ideação suicida (Botega, 2015). Em 2012, a taxa de suicídio notificada no Brasil foi de 9.852 pessoas, das quais 733 tinham entre 10 e 19 anos (Brasil, 2014). Porém, considerando que há subnotificação da causa da morte quando se trata de suicídio, esse número pode ser ainda maior.

Diante desse cenário, devemos pensar em aspectos protetivos em relação ao suicídio entre os jovens. Sobre isso, Botega (2015) nos mostra a importância de fatores como: integração e bons relacionamentos grupais, adesão a valores e normas sociais, prática religiosa e outras práticas coletivas, rede social que propicia apoio prático e emocional, e disponibilidade de serviço de saúde mental. Assim, o desafio do qual estamos diante é o da prevenção do suicídio entre os jovens e a intervenção diante dos casos em que fatores de riscos consideráveis se mostram presentes, como nas situações de violência, *bullying* e *cyberbullying*. Para isso, considera-se a importância do estabelecimento de uma rede de apoio significativa na construção de relações mais saudáveis entre os diversos atores sociais, como família, educadores, profissionais de saúde e sociedade em geral.

#### 6.5. *Aprendendo a lutar junto: o papel da escola, família e sociedade na prevenção e intervenção no cyberbullying*

O campo da experiência no *cyberbullying* encontra relação com o ambiente escolar, pois o contexto das relações estabelecidas entre os jovens é perpassado por aquilo que faz parte de suas realidades, sendo o ambiente escolar o espaço físico privilegiado de interações entre os adolescentes, que se aprofundam e têm continuidade no ambiente virtual. Nesse

sentido, a comunidade escolar tem um papel importante na prevenção e intervenção diante do *cyberbullying*.

Na experiência dos adolescentes desta pesquisa, observou-se por parte de Aceitação e Apatia uma descrença no papel dos educadores na prevenção e intervenção no *cyberbullying*, de modo que, ao invés de buscarem suporte na escola, evitavam-na de diversas formas para não se depararem com os agressores on-line e presenciais. Nesse sentido, na maioria das situações vivenciadas por eles, não recorreram a nenhum tipo de suporte social, o que dificultou para professores e gestão escolar tomarem conhecimento do problema. Por outro lado, nas ocasiões nas quais esses jovens se permitiram expressar, as ações dos professores e coordenação foram ineficientes para cessar a violência. Considera-se que, talvez, a própria falta de conhecimento ou de preparo dos educadores possa dificultar uma compreensão mais complexa sobre o problema.

Assim, no âmbito da equipe escolar, considera-se a necessidade de formação e treinamento de seus atores sobre este fenômeno para que possam sentir-se preparados para adotar uma postura ativa na identificação e resolução dos conflitos, orientação e fortalecimento dos educandos no enfrentamento ao problema. Um ambiente educativo acolhedor e colaborativo pode auxiliar os alunos a explorar o tema sem medo de serem banalizados ou desacreditados.

Sobre essa questão, Perfeito, Silveira, Lima e Barros (2015) discutem sobre as falhas no sistema de ensino brasileiro no estímulo reflexivo entre professores, alunos e funcionários quando o assunto é a prevenção e intervenção em casos de violência e preconceito, nos quais se incluem o *bullying* e o *cyberbullying*. Esses autores demonstram que ações pontuais e simplistas não são efetivas para solucionar o problema. Mesmo assim, a maioria das pessoas em sua amostra considerou que denunciar o *cyberbullying* para a polícia, direção escolar ou o acolhimento dos amigos seria suficiente para acabar com as intimidações.

Em nosso estudo, as ações consideradas pelos adolescentes que poderiam ajudar a lidar com os agressores envolveram palestras e campanhas de conscientização, o desenvolvimento da empatia, observação e controle por parte dos educadores e gestão escolar e a tomada de providências junto à família. É preciso compreender que para que essas e outras ações possam galgar resultados significativos, elas precisam ser tomadas não apenas como ações pontuais e simplistas, mas como parte da política da escola, de modo a fazer parte do cotidiano escolar em ações continuadas como planejamento, execução, avaliação, ajustes e implementação, para que, aos poucos, possam se tornar parte da cultura escolar.

Entendemos que este é um grande desafio, mas, como vimos até aqui, ações individuais e isoladas pelo sujeito da experiência não têm alcançado resultados positivos e, pelo contrário, podem causar bastante sofrimento nas vítimas, agressores e todos os envolvidos nessa dinâmica. Assim, é urgente a necessidade de articulação coletiva para ampliar a visão do fenômeno e poder junto buscar soluções viáveis. Shariff (2011) aborda o desafio que as TICs trazem para os educadores e enfatiza o despreparo dos profissionais sobre como lidar na escola com repercussões de algo que acontece on-line. Já Santander (2013) e Caetano, et al (2016), destacam a importância do treinamento dos adultos sobre o funcionamento das TICs e do investimento na educação sócio-emocional desde a primeira infância.

Como iniciativas nesse sentido, é interessante considerar experiências exitosas de outros países que podem ser usadas como inspiração para pensar em ações brasileiras. Como no caso do programa de intervenção realizado por Pérez, Astudillo, Varela e Lecannelier (2013) para lidar com o *bullying* e o *cyberbullying* nas escolas chilenas, cuja avaliação dos resultados demonstrou redução estatisticamente significativa na percepção dos participantes de ser vítima de intimidação presencial e on-line ( $p = 0,02$ ). O impacto desse programa ainda é reduzido, mas alerta para o desafio de alcançar intervenções mais profundas e eficientes.

Outro exemplo, agora no campo da saúde, é um tipo de psicoterapia on-line chamada On-line Pestkoppenstoppen, que busca ensinar as vítimas a lidarem com os seus próprios sentimentos relacionados ao *cyberbullying*, visando à prevenção, promoção do bem-estar e ajudando a reduzir as dificuldades no ambiente escolar relacionados à experiência (Foody, Samara & Carlbring, 2015).

Neste estudo, os participantes Aceitação e Raiva demonstraram que a experiência com o *cyberbullying* trouxe repercussões, não apenas subjetivas e relacionais, mas também no desempenho escolar dos jovens, de modo que apontam prejuízos na atenção e concentração nos conteúdos escolares, causando-lhes sentimentos como impotência e levando ao isolamento. Mais uma vez, torna-se importante o papel da escola e dos educadores em identificar sinais de alerta e riscos para os seus jovens, uma vez que quedas no desempenho não significam, como costuma sugerir o senso comum, apenas falta de interesse e responsabilidade dos jovens, mas também ser indicativo de que algo em nível biológico, psicológico e/ou social pode não estar bem.

É importante mencionar ainda o papel da família enquanto parte da comunidade escolar, que deve ser incluída nos processos preventivos e interventivos diante do *cyberbullying*. Nos relatos dos adolescentes deste estudo, os mesmos consideraram o papel da família ainda mais importante que o da escola, uma vez que, para eles, é no seio familiar que se desenvolveu as bases da educação e dos valores dos sujeitos e atribuem à família o dever de ensinar as normas de consulta, o respeito e a convivência com a diferença. Amemiya et al. (2013) corroboram com o papel das famílias na supervisão do uso das novas tecnologias, pois acreditam que a ausência de acompanhamento das ações on-line pode facilitar o desenvolvimento de um padrão prejudicial de uso da rede e exposição à violência virtual.

Outro ator importante, no que diz respeito à prevenção e intervenção diante do *bullying* e do *cyberbullying* é o psicólogo escolar e educacional, que tem a função de

desenvolver a abordagem dos diversos fenômenos que permeiam os contextos educacionais e o processo de escolarização, buscando compreender suas diferentes facetas (Barbosa & Souza, 2012).

Como parte da equipe escolar, o psicólogo pode atuar na articulação com professores e gestão escolar, educandos e pais, criando projetos interdisciplinares que abordem a violência escolar, o *bullying* e o *cyberbullying* em sua complexidade. Como mediador das relações, o psicólogo deve estar atento aos sinais de violência presencial e virtual e sensível ao sofrimento da vítima, do próprio agressor, quando este é conhecido, e plateia envolvida. Intervenções específicas com grupos, oficinas terapêuticas e de criatividade podem ser ótimas iniciativas para tratar sobre o tema e oferecer um suporte coletivo.

Esse profissional pode ainda ajudar os professores a abordar o tema de forma transversal em suas práticas pedagógicas e aos pais no desenvolvimento de um olhar sensível e participativo no enfrentamento. Trate-se em última instância de desenvolver a responsabilidade coletiva diante do *cyberbullying* e tornar o ambiente educativo eticamente comprometido, justo e acolhedor diante dos problemas sociais emergentes a partir das novas tecnologias.

## 7. Considerações Finais

Ao pesquisar sobre a experiência de adolescentes com o *cyberbullying* na cidade de Juazeiro-BA, compreendemos aspectos significativos sobre esse fenômeno complexo e suas repercussões na vida destes jovens. Em nosso contexto de estudo, identificamos uma incidência considerável de estudantes do ensino médio que passaram por episódios de agressões no ambiente virtual, seja na posição de vítima, de agressor ou ambas. Entre estes jovens, chamaram a atenção aqueles cujas agressões se caracterizaram como o que a literatura vem denominando de *cyberbullying*.

Neste estudo foi possível compreender que as estratégias mobilizadas pelos participantes na tentativa de lidar com o fenômeno foram insuficientes para cessar as agressões, uma vez que todos eles conviveram por mais de um ano com o *cyberbullying*. Tais estratégias foram prioritariamente individuais, o que demonstrou dificuldade nos jovens em recorrer à ajuda de outras pessoas no ambiente social. Dois jovens utilizam mais estratégias de evitamento e tentativa de adaptação ao contexto social, e outros dois atuaram mais pela via do confronto.

Em momentos específicos das experiências, surgiram iniciativas no sentido do diálogo, da proteção on-line, de medidas preventivas, de tentativas de ruptura e até mesmo de ajuda a outras vítimas. Essa dinâmica nos faz pensar no movimento destes adolescentes no campo da experiência, construindo e reconstruindo perspectivas constantemente, na busca de sentido e significado em meio às relações com o mundo.

Assim, encontramos especificidades nas percepções dos sujeitos sobre suas experiências, mas também aspectos em comum, fragilidades e potenciais, que podem colaborar para pensarmos, em um nível coletivo, em formas mais resolutivas de cuidado,

suporte e enfrentamento ao *cyberbullying*, considerando todos os atores envolvidos, as emoções mobilizadas e os sentidos construídos pelos sujeitos nas vivências.

As experiências com o *cyberbullying* foram perpassadas por sofrimentos, angústias e sentimentos diversos, alguns dos quais já mencionados na literatura. Porém, destacamos como diferencial deste estudo a possibilidade de compreender estes processos humanos de uma forma profunda, a partir do enfoque fenomenológico. Assim, a irritabilidade, o estresse, o prazer, a tristeza, a vergonha, o medo, a culpa, a frustração, entre outros sentimentos mobilizados pelos jovens, puderam ser compreendidos no campo de suas experiências diante daquilo que para eles fazia sentido naquele momento e que puderam, ao longo do processo, ressignificar e elaborar.

Como limitações deste estudo, consideramos a restrição ao contexto específico de uma escola particular e a inclusão de adolescentes apenas do ensino médio. Pois, sabemos que o *cyberbullying* pode ocorrer com jovens dos mais variados níveis escolares e que o campo estudado não representa a totalidade de experiências na cidade de Juazeiro-BA. Nesse sentido, sugerimos como pesquisas futuras, estudar as experiências de *cyberbullying* com estudantes do ensino fundamental I e II, compreender as experiências de jovens também de escolas públicas, assim como abranger o campo de estudo para outras cidades da região do Vale do São Francisco, a fim de verificar especificidades locais e aspectos culturais da experiência. Outras pesquisas podem ainda focalizar numa compreensão fenomenológica das experiências de *cyberbullying* associadas ao comportamento suicida.

Este estudo visa contribuir com o debate científico sobre o *cyberbullying* e pretende enriquecer o aporte teórico em estudos fenomenológicos na interface saúde-educação. Como possível desdobramento prático, consideramos a possibilidade de colaborar com a construção de atitudes preventivas, estratégias de cuidado à saúde e medidas educacionais e de

enfrentamento efetivas para lidar com o problema, diante dos riscos físicos, psicológicos e sociais que o fenômeno pode causar para a geração de nativos digitais.

Inexoravelmente, é difícil nos dias atuais fugir ou viver alheio às inovações tecnológicas e às características da sociedade que nos é apresentada. Também não podemos retornar ao passado ou resgatar formas de comunicação que não se encaixam mais na dinâmica social. O desafio é, no campo da experiência, desenvolver um olhar para a coletividade, para o suporte mútuo, sensível ao outro e ao mundo. O acolhimento, a escuta, a ajuda, o desenvolvimento de um pensamento crítico e o uso consciente das tecnologias e de todos os potenciais que elas dispõem podem fazer toda a diferença no caminho para o enfrentamento do *cyberbullying*.

## Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1970). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- Abreu, E.M.; Pedron, D.A. (2011). Por uma escuta que possa “corporar”. *Revista Modus*. Belo Horizonte, 6(8), p. 57-69. Disponível em:  
[revista.uemg.br/index.php/modus/article/download/749/466](http://revista.uemg.br/index.php/modus/article/download/749/466)
- Amemiya, I., Oliveros, M., Condorimay, Y., Oliveros, R., Barrientos, A., y Rivas, B.E. (2013). Cyberbullying en colegios privados y estatales de primaria en dos distritos de Lima Metropolitana. *Anales de la Facultad de Medicina*. 74(2), pp. 91-6. Recuperado de:  
<http://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/anales/article/view/2379/2078>
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Campinas: Estudos de Psicologia*. 26(1), 93-100.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Almeida, M. R. (2009). O tempo como moeda de valor na cultura digital. *Contemporânea*, 7(1). Recuperado de:  
[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_12/contemporanea\\_n12\\_05\\_melissa.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_05_melissa.pdf)
- Andrade, L. C. F. (2012). *Bullying e Cyberbullying: Um estudo num contexto escolar particular cooperativo*. (Dissertação de mestrado). Universidade da Madeira, Portugal. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.13/422>
- Arıçak, O. T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Eurasian Journal of Educational Research*, 34(1), 167-184.  
<http://www.ejer.com.tr/0DOWNLOAD/pdf/eng/1132989405.pdf>
- Azevedo, J.C.; Miranda, F.A.; Souza, C.H.M. (2012). Reflexões a cerca das estruturas psíquicas e a prática do Cyberbullying no contexto da escola. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 35(2), pp. 247-265. Recuperado de:  
<http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n2/13.pdf>
- Barbosa, A.F. (Coord.) (2014). *TIC Kids Online Brasil 2013: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil*. Brasil: Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br. (1), 05-323. Recuperado de:  
<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2013.pdf>
- Barbosa, D.R., Souza, M.P.R. (2012). Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá. 16 (1), pp. 163-173. Recuperado de:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572012000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100018&lng=en&nrm=iso)
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 22.

- Bertelone, J.M (coord.)(2000). *Transtornos Mentais e Comportamentais: departamento de saúde mental organização mundial da saúde*. Genebra.
- Borges, V. R., & Werlang, B. S. G. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 345-351. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000300012>
- Berger, C.,& Lisboa, C. (2009). *Violencia escolar: estudios y posibilidades de intervención enLatinoamérica*. Santiago: Editorial Universitária.
- Bock, A. M., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2001). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Botega, N.J. (2015). *Crise Suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, p. 302.
- Bottino, S.M., Bottino, C.M., Regina, C.G., Correia, A.V., Ribeiro, W.S. (2015). Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. *Cad Saude Publica*. 31(3), pp.463-75.
- Brasil, Brasília. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. 194º da Independência e 127º da República. *Diário Oficial da União* de 09.11.2015. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm)
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde (2014). *Taxa de mortalidade específica por causas externas: TME para suicídio 2011*. Brasília. Recuperado de: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2012/c09.def>.
- Bronfenbrenner, A. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experiências naturais e planejadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brown, K., Jackson, M.,& Cassidy, W. (2006). Cyber-bullying: developing policy to direct responses that are equitable and effective in addressing this special form of bullying. *Canadian Journal of Educational Administration and Policy*, 57(1), 1-35. Recuperado de: [https://umanitoba.ca/publications/cjeap/articles/brown\\_jackson\\_cassidy.html](https://umanitoba.ca/publications/cjeap/articles/brown_jackson_cassidy.html)
- Caetano, A. P., Freire, I., Veiga Simão, A. M., Martins, M. J. D., & Pessoa, M. T. (2016). Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. *Revista Educação e Pesquisa*, 42(1), 199-212. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138125>
- Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L.,& Padilla, P. (2010). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers in Human Behavior*, 26,1128–1135. Recuperado de: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563210000579>
- Campos, M. (2009). *O Cyberbullying. Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. (Dissertação de mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. Recuperado de: <https://repositorio.iscte->

[iul.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20-%20Mariana%20Campos.pdf](http://iul.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20-%20Mariana%20Campos.pdf)

- Campbell, M. (2005). Cyberbullying: An old problem in a new guise? *Australian Journal of Guidance and Counseling*, 1(15), 68-76. <https://eprints.qut.edu.au/1925/1/1925.pdf>
- Campbell, M.A. (2007). Cyber bullying and young people: Treatment principles not simplistic advice. Recuperado de: [//eprints.qut.edu.au/14903/1/14903.pdf](https://eprints.qut.edu.au/14903/1/14903.pdf)
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. (8). São Paulo: Paz e Terra.
- Castillo, A. E. (2010). Estudio descriptivo de las estrategias de afrontamiento del *bullying*, en professorado mexicano. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 8(1), 353-372. Recuperado de: <http://www.investigacion-psicopedagogica.org/revista/new/ContadorArticulo.php?426>
- Coelho Junior, N.E. (2003). Da Intersubjetividade a Intercorporeidade: Contribuições da Filosofia Fenomenológica ao Estudo Psicológico da Alteridade. *Psicologia USP*, 14 (1), 185-209. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000100010>
- Conte, C. P., & Rossini, A. E. S. (2010). Aspectos Jurídicos do Cyberbullying. *Revista FMU Direito*. São Paulo, 24(34), 46-65. Recuperado de: <http://www.revistaseletronicas.fmu.br/index.php/FMUD/article/view/94/91>
- Cruz, T. (2000). *Sistemas de informações gerenciais – tecnologia da informação e a empresa do século XXI*. São Paulo: Atlas. (2).
- Cruz, P.F.L., & Medeiros, W.G. (2018). Educação no século XXI: reflexões sobre o *design* para a educação básica. *Cuad. Cent. Estud. Diseñ. Comun., Ensayos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires. (69). Recuperado de: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1853-35232018000400019&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1853-35232018000400019&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Cross, E. J., Piggini, R., Douglas, T. y Vonkaenel-Falst, J. (2012). *Virtual Violence II: Progress and Challenges in the Fight against Cyberbullying*. London: Beatbullying. Recuperado de: <https://www.cybersmile.org/wp-content/uploads/Virtual-Violence-IIBeatBullying.pdf>
- Dal Cin, I.C.T.P. (2013). *Dependência de Internet: Um Estudo com Profissionais e Estudantes da área de TI em Belo Horizonte*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade Novos Horizontes, Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de: [http://unihorizontes.br/novosite/banco\\_dissertacoes/190820131715368063.pdf](http://unihorizontes.br/novosite/banco_dissertacoes/190820131715368063.pdf)
- Erdur-Baker, O (2015). Cyberbullying and its correlation to traditional bullying, gender and frequent and risky usage of internet-mediated communication tools. *New Media & Society*, 12(1), 109–125.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1902.

- Faria, A.C.G.M. (2014). *Suicídio na Adolescência*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Recuperado de: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1831/1/ANA%20CRISTINA%20GOMES%20MARQUES%20DE%20FARIA.pdf>
- Foody M, Samara M, Carlbring P. (2015). A review of cyberbullying and suggestions for online psychological therapy. *Internet Interv.* Recuperado de: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214782915000251>.
- Fulgini, A. J., Eccles, J. S., Barber, B. L., & Clements, P. (2001). Early adolescent peer orientation and adjustment during high school. *Developmental psychology*, 37 (1), p. 28. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11206430>
- García-Maldonado, G., Martínez-Salazar, G.J., Saldívar-González, A.H., Sánchez-Nuncio, R., Martínez-Perales, G.M., & Barrientos-Gómez, M.C. (2012). Factores de riesgo y consecuencias del cyberbullying en un grupo de adolescentes. Asociación con bullying tradicional. *Boletín médico del Hospital Infantil de México*. 69(6), pp. 463-474. Recuperado de: <http://www.scielo.org.mx/pdf/bmim/v69n6/v69n6a7.pdf>
- Gualdo, A. M. G., Hunter, S. C., Durkin, K., Arnaiz, P., & Maquilón, J. J. (2015). The emotional impact of cyberbullying: Differences in perceptions and experiences as a function of role. *Computers & Education*, 82, 228-235. <http://dx.doi.org/10.1016/j.compedu.2014.11.013>
- Gonçalves, A. M., Freitas, P. P., & Sequeira, C. A. C. (2011). Comportamentos Suicidários em Estudantes do Ensino Superior: Fatores de Risco e de Proteção. *Millenium*, 40, pp.149-159. Recuperado de: <http://www.ipv.pt/Millenium/Millenium40/11.pdf>
- Guzzi, D. (2014). Diálogo, Configurações de Privacidade e Compartilhamento: aja, não seja só um espectador. \_\_In. Barbosa, A.F. (Coord.) (2014). *TIC Kids Online Brasil 2013: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil*. Brasil: Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br. (1), 05-323. Recuperado de: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2013.pdf>
- Henriques, I. & Toledo, R.G. (2014). A Complementaridade entre os Canais Infantis, seus Síntese e Perfis em Redes Sociais: uma nova estratégia de comunicação mercadológica voltada às crianças. \_\_In. Barbosa, A.F. (Coord.) (2014). *TIC Kids Online Brasil 2013: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil*. Brasil: Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br. (1), 05-323. Recuperado de: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2013.pdf>
- João, A.S.S., João, B.M.S., & Portelada, A.F.S. (2011). Cyberbullying: a agressão através das novas tecnologias. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. 2(1), pp. 127-134. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349832329012>
- Jost, M.C. (2010). Fenomenologia das Motivações do Adolescente em Conflito com a Lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 26(1), pp. 99-108. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000100012>

- Kleiman, E.M., Riskind, J.H., & Schaefer, K.E. (2014). Social support and positive events as suicide resiliency factors: examination of synergistic buffering effects. *Arch Suicide Res.* 18(2), pp. 144-55. doi: [10.1080/13811118.2013.826155](https://doi.org/10.1080/13811118.2013.826155).
- Li, Q., Cross, D., e Smith, P.K. (orgs.). (2012). *Cyberbullying in the Global Playground: Research from International Perspectives*. Oxford, UK: Wiley-Blackwell.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 08-264.
- Macêdo, S.M.V.M. (2012). A Saga de Hefesto: hermenêutica colaborativa como possibilidade de ação humanista-fenomenológica em clínica do trabalho. (Tese de Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco. Recife, PE. Recuperado de: [http://www.unicap.br/tede//tde\\_arquivos/12/TDE-2013-05-28T154001Z-571/Publico/dissertacao\\_shirley\\_macedo\\_Resumo\\_e\\_Sumario.pdf](http://www.unicap.br/tede//tde_arquivos/12/TDE-2013-05-28T154001Z-571/Publico/dissertacao_shirley_macedo_Resumo_e_Sumario.pdf)
- Macêdo, S.M.V.M. (2006) Condições de trabalho e saúde mental entre profissionais de psicologia na região metropolitana de Recife: um estudo fenomenológico. *Travessia, VIII I* (1), pp.141-158. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392003000200011>
- Macêdo, S., & Caldas, M.T. (2011). Uma análise crítica sobre técnicas de pesquisa fenomenológica utilizadas em psicologia clínica. *Revista do Nufen*, 3(1), pp. 3-16. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n1/a02.pdf>
- Macêdo, S.M.V.M. (2015). *Clínica Humanista-Fenomenológica do Trabalho/; a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Juruá Editora Psicologia. Recife-PE.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- Merleau-Ponty, M. (1960). *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Merleau-Ponty, M. (1984). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- Melo, A. K. S., & Moreira, V. (2008). Fenomenologia da queixa depressiva em adolescentes: um estudo crítico-cultural. *Aletheia*, 27(1), 51-64. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n27/n27a05.pdf>
- Moreira, V. (2004). O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447-456. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Menay-López, L. y Fuente-Mella, H. (2014). Plataformas comunicacionales del cyberbullying. Una aplicación empírica en dos colegios de la quinta región, Chile. *Estudios Pedagógicos XL*. (2), pp. 117-133. <https://scielo.conicyt.cl/pdf/estped/v40n2/art07.pdf>
- Navarro, R., & Yubero, S. (2012). Impacto de la ansiedad social, las habilidades sociales y la cibervictimización en la comunicación online. *Escr Psicol.* 5(3), pp. 4-15. Recuperado de:

[https://ruidera.uclm.es/xmlui/bitstream/handle/10578/2939/fi\\_1357635991-vol5num32.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://ruidera.uclm.es/xmlui/bitstream/handle/10578/2939/fi_1357635991-vol5num32.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

- Novelli, V.A.M., Leite, M.C., & Sitta, M.I.U. (2010). Mediação da Informação: usuários gerações veteranos, baby boomers, X, Y, E Z. *XVI Seminário Nacional de Bibliotecas. II Seminário Internacional de Bibliotecas Digitais*. Brasil. Recuperado de: [https://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final\\_249.pdf](https://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final_249.pdf)
- Nunes, A. (2013). *Bullying: a influência do suporte sócio-familiar no desenvolvimento de comportamentos agressivos em adolescentes*. (Dissertação de Mestrado). ISPA- Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Recuperado de: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2781/1/17983.pdf>
- O'Carroll, P. W., Berman, A. L., Maris, R. W., Moscicki, E. K., Tanney, B. L., & Silverman, M. M. (1996). Beyond the Tower of Babel: A nomenclature for suicidology. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 26(3), 237-252. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8897663>
- Oliveira, K. M. R. (2012). *Experiências de Adolescentes com Bullying Escolar e Análise Fenomenológica de suas Vivências*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, SP. Recuperado de: [http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/97466/oliveira\\_kmr\\_me\\_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/97466/oliveira_kmr_me_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Oliveira, R.S., Barros, B.M.C., & Goulart, G.M. (2016). As Tecnologias da Informação e Comunicação na (Des)Construção das Relações Humanas Contemporâneas: implicações do uso do aplicativo Tinder. *Revista Brasileira de Direito*. 12(1). Recuperado de: <https://seer.imes.edu.br/index.php/revistadedireito/article/view/919/935>
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*. 1991. XII, (4), 495-510. Recuperado de: [http://www.episcenter.psu.edu/sites/default/files/news/Olweus%20\(1997\)%20Bully-victim%20problems%20in%20school.pdf](http://www.episcenter.psu.edu/sites/default/files/news/Olweus%20(1997)%20Bully-victim%20problems%20in%20school.pdf)
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and Self-Esteem. *Journal of School Health*, 80(12), 614-621. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00548.x>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies Move Beyond the Schoolyard: A Preliminary Look at Cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*. 4 (2), 148-169. Recuperado de: [https://www.researchgate.net/profile/Sameer\\_Hinduja/publication/258201014\\_Bullies\\_Move\\_Beyond\\_the\\_Schoolyard\\_A\\_Preliminary\\_Look\\_at\\_Cyberbullying/links/5876992208aebf17d3b9a31d/Bullies-Move-Beyond-the-Schoolyard-A-Preliminary-Look-at-Cyberbullying.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Sameer_Hinduja/publication/258201014_Bullies_Move_Beyond_the_Schoolyard_A_Preliminary_Look_at_Cyberbullying/links/5876992208aebf17d3b9a31d/Bullies-Move-Beyond-the-Schoolyard-A-Preliminary-Look-at-Cyberbullying.pdf)
- Perfeito, R.S.; Silveira, D.S.; Lima, M.F.C.; Barros, C.F. (2015). Caso Amanda Todd: uma oportunidade de refletir o cyberbullying na escola. *Educação Física em Revista – EFR*. 9(1), p. 33-53. <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/5436/4549>

- Pereira, M.D., & Silva, G.S. (2010). As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*. Vitória da Conquista-BA. (10), pp. 151-174. Recuperado de:  
<http://periodicos.uesb.br/index.php/cadernosdeciencias/article/viewFile/884/891>
- Pereira, C. (2011). Risco suicidário em jovens: Avaliação e intervenção em crise. *PsiLogos*, 9(1), pp. 11-23. Recuperado de:  
[http://www.psilogos.com/Revista/Vol9N12/Indice11\\_ficheiros/Pereira\\_p11-23.pdf](http://www.psilogos.com/Revista/Vol9N12/Indice11_ficheiros/Pereira_p11-23.pdf)
- Pérez, J.C., Astudillo, J., Varela, J. T., & Lecannelier, F.A. (2013). Evaluación de la efectividad del Programa Vínculos para la prevención e intervención del Bullying en Santiago de Chile. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP.17(1), pp. 163-172. Recuperado de:  
<http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a17v17n1.pdf>
- Prieto, M.T, Carrillo, J.C., y Lucio, L.A. (2015). Violencia virtual y acoso escolar entre estudiantes universitarios: el lado oscuro de las redes sociales. *Innovación. Educativa*. 15(68). Recuperado de: <http://www.scielo.org.mx/pdf/ie/v15n68/v15n68a4.pdf>
- Pires, G.T.S. (2013). Fotografia através de dispositivos moveis: Estudo de caso sobre o Instagram. *Revista da Graduação*. Porto Alegre, 6 (1), 75.  
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/13776>
- Pinheiro, L. (2009). Cyberbullying em Portugal: uma perspetiva sociológica. *Dissertação de Mestrado*. Instituto de Ciências Sociais na Universidade do Minho. Recuperado de:  
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>
- Rabaglietti, E., & Ciairano, S. (2008). Quality of friendship relationships and developmental tasks in adolescence. *Cognition, Brain, Behavior*, 12 (2), pp. 183-203. Recuperado de:  
<http://www.ascred.ro/images/attach/cc%20cbb%20june%202008%20183-203.pdf>
- Rincón Rueda, A. I. y Ávila Díaz, W. D. (2014). Simbiosis vital para describir el ciberbullying en Colombia. *Revista Científica General José María Córdova*. 12(14), pp. 149-164. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=476247222009>
- Rondina, J.M., Moura, J.L., & Carvalho, M.D. (2016). Cyberbullying: o complexo bullying da era digital. *Re. Saúd. Digi. Tec. Edu*. Fortaleza, CE. 1(1), 20-41. Recuperado de:  
<http://periodicos.ufc.br/resdite/article/view/4682/3485>
- Santander, A.S. (2013). Formar para laciberconvivencia Internet y prevención del cyberbullying. *Integra Educativa*. 6 (2). Recuperado de:  
<http://www.scielo.org.bo/pdf/rieiii/v6n2/v6n2a04.pdf>
- Schenk, A. M., & Fremouw, W. J. (2012). Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbully victims among college students. *Journal of School Violence*, 11(1), 21-37.  
<http://dx.doi.org/10.1080/15388220.2011.630310>
- Shariff, S. (2011). *Ciberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. Porto Alegre: ArtMed.

- Silva, L.V.(2016). *A influência da espiritualidade/religiosidade na subjetividade de jovens homossexuais: uma proposta de compreensão fenomenológica*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências das religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. Recuperado de: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/8777>
- Soares, A. K. S. (2013). *Valores humanos e bullying: Um estudo pautado na congruência entre pais e filhos*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. Recuperado de: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/bitstream/tede/6927/1/arquivototal.pdf>
- Soares, S.B. C. (2009) *Tecnologias & bibliotecas/sistemas de informação acadêmicos: integração e impactos*. São Paulo: FEBAB: Coordenadoria Geral de Bibliotecas. Programa de Aperfeiçoamento em Gestão & Inovação de Bibliotecas e Sistemas de Informação Acadêmicos. Recuperado de: <http://mmhinformacao.nucleoad.net/mod/resource/view.php?id=462>
- Souza, S. B., Veiga Simão, A. M. & Caetano, A. P. (2014). Cyberbullying: Percepções acerca do Fenômeno e das Estratégias de Enfrentamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3), pp. 582-590. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201427320>
- Souza, A.V., Lima, A.M. (2016). Cyberbullying: violência na rede uma abordagem no ensino municipal de Ministro Andrezza. *Revista Científica da UNESC*. 14(1), pp. 11-21. Recuperado de: <http://revista.unescnet.br/index.php/revista/article/view/369/267>
- Varela, J.T., Pérez, J.C., Schwaderer, H.Z., Astudillo, J., & Lecannelier, F.A. (2014). Caracterización de cyberbullying en el gran Santiago de Chile, en el año 2010. *Revista Cuadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 18(2), pp. 347-354. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182794>
- Viegas, R.O.M.C. (2015). *Geração Alpha: Um Estudo de Caso no Núcleo de Educação Infantil da UFRN*. (Monografia). Departamento de Ciências Administrativas Curso de Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN. Recuperado de: [https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3656/1/RaissaOMCV\\_Monografia.pdf](https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3656/1/RaissaOMCV_Monografia.pdf)
- Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. M. (2013). Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 25(1), 73-87. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652013000100005>.
- Werlang, B. S. G., Borges, V. R., & Fensterseifer, L. (2005). Fatores de risco ou Proteção para a presença de ideação suicida na adolescência. *Revista Interamericana de Psicologia*, 39(2), pp. 259-266. Recuperado de: <http://docplayer.com.br/54513-Fatores-de-risco-ou-protecao-para-a-presenca-de-ideacao-suicida-na-adolescencia.html>

## Questionário sobre *Cyberbullying*

Data da Aplicação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Número de Protocolo: \_\_\_\_\_

O *cyberbullying* pode ser definido como uma forma de intimidação sistemática utilizando as novas Tecnologias da Informação e Comunicação em atos intencionais e repetitivos de agressão visando causar constrangimento ou sofrimento a uma ou mais vítimas. Com base em suas experiências, solicitamos que você responda, o mais honestamente possível, as questões abaixo, por meio da escolha da opção que melhor representa sua opinião.

### Dados Sociodemográficos

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Gênero: ① Masculino ② Feminino
3. Escolaridade: \_\_\_\_\_
4. Renda média familiar (R\$): \_\_\_\_\_
5. Você vive com:  
① Seus pais    ② Sua mãe    ③ Seu pai    ④ Outro. Quem? \_\_\_\_\_

### Uso das tecnologias

6. Quantas horas por dia você costuma gastar com os seguintes sites/aplicativos?

	0h	<1h	1-3h	3-5h	5h ou +
a) Facebook	①	②	③	④	⑤
b) WhatsApp	①	②	③	④	⑤
c) Instagram	①	②	③	④	⑤
d) Snapchat	①	②	③	④	⑤
e) You Tube	①	②	③	④	⑤
f) Twitter	①	②	③	④	⑤
g) E-mail (Gmail, outlook, yahoo, etc.)	①	②	③	④	⑤
h) Jogos	①	②	③	④	⑤
i) Outro. Qual: _____	①	②	③	④	⑤

7. Você conhece estratégias de segurança no ciberespaço? ① Sim ② Não
8. Se sim, marque as estratégias que você já usou (você pode marcar mais de uma opção):
- ① Usar software que proteja de conteúdos indesejáveis
  - ② Não abrir links ou anexos de pessoas desconhecidas
  - ③ Não partilhar informação pessoal com desconhecidos
  - ④ Evitar ter conversas privadas com pessoas desconhecidas
  - ⑤ Bloquear ou não adicionar e-mails desconhecidos

- ⑥ Contatar o servidor quando é perseguido on-line
- ⑦ Contar a adultos quando é perseguido on-line
- ⑧ Mudar de e-mail quando é perseguido
- ⑨ Denunciar páginas com conteúdo inadequado
- ⑩ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

### Vitimização on-line

9. Você já foi alvo de insultos, ameaças, constrangimentos ou perseguições na internet?

- ① Sim      ② Não (pule para questão 18)

10. Se sim, por meio de quais sites/aplicativos? \_\_\_\_\_

11. Por quanto tempo?

- ① Menos de 1 mês                      ④ De 7 a 9 meses                      ⑦ Mais de 2 anos  
 ② De 1 a 3 meses                      ⑤ De 10 a 12 meses                      ⑧ Mais de 3 anos  
 ③ De 4 a 6 meses                      ⑥ Mais de 1 ano

12. Aponte com que frequência já aconteceram as situações a seguir:

	Nunca	Apenas 1 ou 2 vezes	2 ou 3 vezes por mês	1 vez por semana
Entraram no meu e-mail e se passaram por mim.	①	②	③	④
Enviaram-me mensagens hostis por e-mail, redes sociais e/ou aplicativos de mensagens.	①	②	③	④
Compartilharam informações, fotos ou vídeos constrangedores sobre mim na internet.	①	②	③	④
Fui excluído de um jogo ou grupo <i>on-line</i> .	①	②	③	④
Postaram mentiras sobre mim na internet.	①	②	③	④
Falaram mal, ameaçaram ou fizeram piadas sobre mim na internet.	①	②	③	④
Outra forma. Qual? _____	①	②	③	④

13. Você identificou quem te agrediu *on-line*?                      ① Sim      ② Não

14. Foi alguém com quem você tem contato presencial? ① Sim      ② Não

15. Como você reagiu à violência virtual? (você pode marcar mais de uma opção)

- ① Não reagi, fiquei quieto/calado                      ⑤ Denunciei  
 ② Chorei                      ⑥ Conversei com alguém  
 ③ Respondi da mesma forma                      ⑦ Pedi ajuda para outros  
 ④ Planejei vingança                      ⑧ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

16. A violência virtual teve alguma consequência em sua vida?      ① Não      ② Sim

17. Se sim, de que ordem?

- ① Física                      ② Psicológica                      ③ Social                      ④ Outro

### Agressões on-line

Analise as situações abaixo e responda de forma sincera o que você pensa sobre a gravidade das ações realizadas pelos adolescentes na internet. Os níveis de gravidade podem ser definidos em:

- Leve – quando a ação é pontual e sem a intenção direta de machucar ou prejudicar o outro.



